



PROTEÇÃO E ISOLAMENTO EM PERSPECTIVA

EXPERIÊNCIAS DO PROJETO PROTEÇÃO ETNOAMBIENTAL DE POVOS
INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO NA AMAZÔNIA



PROTEÇÃO E ISOLAMENTO EM PERSPECTIVA

EXPERIÊNCIAS DO PROJETO PROTEÇÃO ETNOAMBIENTAL DE POVOS
INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO NA AMAZÔNIA

SUMÁRIO

1. PROTEÇÃO ETNOAMBIENTAL DE POVOS INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO NA AMAZÔNIA

| | |
|--|----|
| 1.1 Apresentação | 16 |
| 1.2 A política de proteção de povos indígenas isolados e de recente contato do Estado brasileiro | 20 |
| 1.3 PRINCIPAIS RESULTADOS DO PROJETO | 33 |
| • Apoio às ações da Funai de localização e monitoramento de registros de indígenas isolados na Amazônia brasileira | 34 |
| • Aprimoramento metodológico da investigação e gestão da informação sobre os registros de povos indígenas isolados | 39 |
| • Incremento da interlocução com povos indígenas e populações do entorno de territórios dos povos indígenas isolados | |
| • Ampliação da participação da sociedade civil em agendas internacionais para a proteção e promoção dos direitos de povos indígenas isolados e de recente contato em países da bacia amazônica | 41 |
| • Capacitação de servidores da Funai em política indigenista, metodologias de proteção de povos indígenas isolados e de recente contato e temas correlatos | 42 |
| 2. POVOS E TERRITÓRIOS | 45 |
| 2.1 ACRE | 47 |
| Mapa da região com área de atuação do projeto | 49 |
| Quadro de povos e terras indígenas | 50 |
| OS “BRABOS” OU “DESCONFIADOS” DO ACRE | 51 |
| Memórias da borracha | 55 |
| Dinâmicas transfronteiriças | 57 |
| Rotas de isolados e narcotraficantes | 57 |
| Contato no Xinane | 58 |
| Estradas x Isolados | 59 |
| PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS | 62 |
| Levantamento e atualização de informações sobre dinâmicas territoriais no rio Envira | 63 |
| Fortalecimento da ASPARE | 70 |
| Iniciativas indígenas para a proteção de isolados | 74 |
| <i>TI Kaxinawa do Rio Humaitá</i> | 74 |
| <i>TI Mamoadate</i> | 76 |
| <i>Intercâmbio no Jordão</i> | 77 |
| Formação da equipe da FPPEE/Funai e diagnósticos | 78 |
| <i>Oficinas temáticas</i> | 78 |
| <i>O povo de recente contato do Xinane</i> | 79 |
| <i>Quem são os Mashco?</i> | 79 |

| | |
|---|-----|
| 2.2 MÉDIO PURUS-MADEIRA | 83 |
| Mapa da região com área de atuação do projeto | 84 |
| Quadro de povos e territórios | 88 |
| A REGIÃO DO MÉDIO PURUS – MADEIRA | 89 |
| Povos indígenas isolados e de recente contato em risco | 92 |
| Histórico de colonização e pressões contemporâneas | 93 |
| Os povos madi do interflúvio Purus-Piranha | 95 |
| Intervenções indigenistas nos territórios indígenas do Médio Purus | 98 |
| PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS | 104 |
| Planejamento conjunto | 105 |
| Monitoramento territorial indígena | 108 |
| Planos de vigilância | 110 |
| Compartilhamento territorial | 113 |
| Encontro Hi Merimã | 116 |
| Povos indígenas isolados na bacia do rio Madeira | 122 |
| <i>Qualificação e localização de registros de indígenas isolados</i> | 122 |
| <i>I Encontro Kagwahiva</i> | 123 |
| Subsídios para a proteção de povos indígenas isolados e de recente contato no Médio Purus – Madeira | 123 |
| <i>Diagnóstico Suruwaha</i> | 123 |
| <i>Diagnóstico sobre a presença de povos indígenas isolados na bacia do rio Madeira</i> | 123 |
| <i>Diagnóstico Hi Merimã (Médio Purus – Amazonas)</i> | 123 |
| 2.3 MADEIRINHA-JURUENA | 126 |
| Mapa da região com área de atuação do projeto | 128 |
| Quadro de povos e territórios | 129 |
| OS KAWAHIVA DO RIO PARDO | 133 |
| Processo de regularização fundiária | 134 |
| Arco do desmatamento | 136 |
| Disputa de poder | 139 |
| Acuados pela exploração | 140 |
| Sobreviventes | 141 |
| PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS | 152 |
| Pressão na Resex | 153 |
| Capoeiras indígenas | 153 |
| Interlocução regional | 154 |
| Mosaico do Apuí e Mosaico da Amazônia Meridional | 155 |
| Os “Apiaká Isolados” e outros “brabos” | 156 |

| | | | |
|---|-----|---|-----|
| Educação socioambiental | 158 | Interesses minerários | 229 |
| Territórios tradicionais | 159 | Rede de relações e isolamento | 237 |
| Interação com extrativistas na Base Kawahiva | 160 | Contato Karapawyana e riscos aos isolados | 239 |
| Oficina de cartografia com extrativistas da Resex | 162 | Preocupações sobre os isolados | 241 |
| 2.4 MARANHÃO | 165 | Gestão territorial e fronteiras | 243 |
| Mapa da região com área de atuação do projeto | 167 | Avanço no processo de regularização fundiária da TI Kaxuyana-Tunayana | 244 |
| Quadro de povos e territórios | 170 | PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS | 246 |
| OS AWÁ-GUAJÁ RESISTEM | 165 | Interlocução com o entorno | 248 |
| Pressão e fuga | 167 | Oficinas no rio Nhamundá | 251 |
| Novo contato | 170 | Os isolados do igarapé Venyo | 252 |
| Barulho que não vem da mata | 177 | Evidências e investidas no Pitinga | 253 |
| Impactos, impasses e sucessivos acordos | 178 | Diagnóstico da produção de castanha | 254 |
| Monitoramento territorial indígena | 179 | Extração ilegal de seixo e areia na TI Kaxuyana-Tunayana | 257 |
| Floresta incendiada | 180 | Território, história e ameaças | 260 |
| Pressão madeireira | 184 | Oficinas no Mapuera | 261 |
| PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS | 186 | Monitoramento territorial no Mapuera | 262 |
| Diálogo com lideranças Guajajara | 187 | Oficinas no Trombetas | 264 |
| Assessoria aos Awá | 188 | Reocupação do território | 265 |
| Encontros com isolados | 190 | Turismo de pesca | 267 |
| Políticas indigenistas | 190 | Monitoramento territorial, perigo e sonhos no rio Kaxpakuru | 270 |
| Comissão da Terra | 194 | Garimpo ameaça isolados e comunidades indígenas no alto Trombetas | 271 |
| Operação Awá | 196 | Oficinas no rio Jatapu | 273 |
| Cercados pelo fogo | 196 | Relatos de isolados próximo às aldeias | 273 |
| Operação Turiaçu | 200 | Oficinas no rio Cachorro | 275 |
| Centro de Saber | 202 | Apoio a assembleias | 277 |
| Agenda com a Vale | 203 | Protocolos de relação com povos isolados | 279 |
| Plano Básico Ambiental - Componente Indígena | 204 | Apoio a ações de monitoramento e proteção territorial na TI Zo'é | 281 |
| Associativismo Awá | 205 | 2.6 VALE DO JAVARI | 285 |
| Conhecimento da mata | 207 | Mapa da região com área de atuação do projeto | 287 |
| Criação de associações | 207 | Quadro de povos e territórios | 290 |
| Histórias do contato | 208 | CONTEXTO DA REGIÃO | 291 |
| Gestão integrada | 209 | Histórico de exploração | 294 |
| Formação e monitoramento | 211 | Pós-demarcação | 294 |
| 2.5 NORTE DO PARÁ | 213 | Algumas das pressões atuais sobre os isolados da TI Vale do Javari | 297 |
| Mapa da região com área de atuação do projeto | 215 | <i>Garimpo</i> | 297 |
| Quadro de povos e territórios | 218 | <i>Narcotráfico</i> | 298 |
| O CONTEXTO DE ATUAÇÃO DO PROJETO NO NORDESTE AMAZÔNICO | 219 | <i>Outras pressões e ameaças</i> | 298 |
| Missionários, militares e grandes projetos - um breve histórico dos interesses sobre os territórios indígenas na região | 223 | Compartilhamento territorial e participação indígena na política de proteção de povos isolados e de recente contato | 306 |

| | | | |
|---|-----|---|-----|
| PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS | 314 | | |
| Planejamento local | 314 | | |
| Apoio à FPEVJ/Funai para a localização e monitoramento de indígenas isolados | 315 | | |
| Oficinas sobre a política de proteção de povos indígenas isolados e de recente contato do Estado brasileiro | 318 | | |
| Compartilhamento territorial com isolados | 320 | | |
| <i>Ações junto ao povo Matis</i> | 320 | | |
| <i>Isolados no rio Ituí</i> | 323 | | |
| Vigilância e monitoramento territorial indígena | 324 | | |
| <i>Fortalecimento da Vigilância e Monitoramento Territorial Matsés</i> | 324 | | |
| <i>Fortalecimento da Vigilância e Monitoramento Territorial Matis</i> | 332 | | |
| Proteção e promoção dos direitos dos Tyohom Dyapá de recente contato, dos Kanamari e de isolados no alto Jutai | 333 | | |
| Fortalecimento do protagonismo das organizações indígenas na proteção e defesa dos direitos dos povos indígenas isolados e de recente contato | 337 | | |
| 3. OLHARES E FRONTEIRAS | 341 | | |
| 3.1. POVOS INDÍGENAS ISOLADOS NA AMÉRICA DO SUL | 344 | | |
| Alianças regionais para a proteção de povos indígenas isolados | 346 | | |
| Panorama da presença de povos indígenas isolados na região | 350 | | |
| Bolívia | 350 | | |
| Brasil | 352 | | |
| Colômbia | 354 | | |
| Equador | 356 | | |
| Paraguai | 358 | | |
| Peru | 360 | | |
| Venezuela | 373 | | |
| Iniciativas indígenas para a proteção de povos indígenas isolados | 371 | | |
| 3.2. AÇÕES DO PROJETO | 372 | | |
| Espaços de articulação transfronteiriça e incidência política | 372 | | |
| <i>GTT Isolados Acre-Madre de Dios</i> | 372 | | |
| <i>Fórum Binacional Yanomami e Ye'kwana</i> | 373 | | |
| <i>Reuniões Binacionais Matsés Brasil-Peru</i> | 374 | | |
| <i>Intercâmbio Brasil – Colômbia – Peru</i> | 376 | | |
| <i>Desafios para a proteção dos direitos de povos isolados e de recente contato na Amazônia</i> | 377 | | |
| <i>Reunião sobre diretrizes e recomendações internacionais para a proteção de povos indígenas isolados e de recente contato</i> | 378 | | |
| <i>Audiência temática da CIDH</i> | 379 | | |
| <i>Atividade temática no Fórum Social Mundial 2018</i> | 381 | | |
| Olhares sobre as políticas de proteção aos povos isolados e de recente contato | 381 | | |
| I Encontro Internacional | 382 | | |
| | | <i>Fronteira Brasil-Peru</i> | 383 |
| | | <i>Maranhão</i> | 384 |
| | | <i>Norte do Pará</i> | 384 |
| | | II Encontro Internacional | 392 |
| | | <i>Instrumentos de gestão territorial e povos indígenas isolados e de recente contato</i> | 393 |
| | | <i>Consulta e participação indígena</i> | 394 |



**PROTEÇÃO ETNOAMBIENTAL
DE POVOS INDÍGENAS ISOLADOS
E DE RECENTE CONTATO
NA AMAZÔNIA**



APRESENTAÇÃO

Na Amazônia brasileira vive o maior número de povos indígenas isolados e de recente contato conhecido no planeta. Segundo dados da Fundação Nacional do Índio (Funai), há 114 registros da presença de indígenas em isolamento no país, 28 deles confirmados, e mais de 20 povos considerados de recente contato¹. Resguardadas as muitas diferenças socioculturais, da história de cada um desses povos e do contexto em que vivem atualmente, todos têm em comum um alto grau de autonomia, de seletividade nas trocas que estabelecem com outros coletivos (expressa, por exemplo, na recusa em manter certos modos de contato) e também de vulnerabilidade, sobretudo territorial e epidemiológica.

São povos (ou grupos de determinado povo) que adotaram diferentes estratégias de isolamento em resposta ao violento processo de colonização do continente e às profundas transformações em seus territórios e nas redes de relação indígenas nas quais estavam inseridos. Esse processo perdura até os dias atuais e seus modos de vida e territórios se encontram pressionados e ameaçados pela expansão de fronteiras extrativistas e do agronegócio, pela exploração predatória da floresta, pela implantação de projetos de infraestrutura, pelo proselitismo religioso e pelo risco de contágio de doenças associado a essas atividades. Essa situação tem motivado diversos setores da sociedade civil, de governos e de organismos internacionais a desenvolver ações e estabelecer marcos normativos voltados à sua proteção ao longo das últimas décadas.

No Brasil, o Estado é responsável pela proteção e pela preservação dos recursos ambientais necessários ao bem-estar e reprodução física e cultural desses povos. Ao longo de décadas, desenvolveu e consolidou uma política e metodologias de trabalho

1. As Frentes de Proteção Etnoambiental (FPE) da Funai atuam diretamente junto a 14 povos considerados de recente contato: Akuntsu, Arara, Araweté, Awa-Guajá, Kanoê, Korubo, Parakanã, Piripkura, Povo de Recente Contato do Igarapé Xinane, Suruwahá, Yanomami e Ye'kuana, Waimiri Atroari e Zo'é. Além disso, a Coordenação Geral de Índios Isolados e Recém Contatados da Funai presta apoio técnico e financeiro a Coordenações Regionais do órgão que atuam junto aos Avá-Canoeiro, Pirahã, Juma, Dãw, Nadëb, Hupd'ãh, Yuhupdeh, Tyohom Dyapá, Madiha (Kulina) e Enawenê-nawê.

próprias para isso. Essa trajetória foi marcada por contradições, conflitos, violações e pelo extermínio de diversos povos e populações indígenas no país, em muitos casos pela própria ação do Estado, articulada a interesses econômicos privados sobre as terras indígenas e seus recursos.

Tendo como pano de fundo o processo de redemocratização do país e diversas transformações na sociedade brasileira, o final da década de 1980 marcou o rompimento com a orientação tutelar e integracionista da política indigenista do Estado brasileiro que vigorara até então. A maior expressão dessa mudança foi a Constituição Federal de 1988, que reconheceu aos povos indígenas “sua organização política, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam”.

Nesse contexto, as ações desenvolvidas pela Coordenação Geral de Índios Isolados e Recém Contatados (CGIIRC) e as Frentes de Proteção Etnoambiental (FPE) da Funai para a proteção dos povos indígenas isolados e recente contato passaram a ser pautadas pelo respeito à autonomia e autodeterminação desses povos – incluindo o respeito à sua opção pelo isolamento. A política e as ações do Estado brasileiro voltadas à proteção de povos indígenas isolados e de recente contato se tornou referência para outros países da América do Sul e para a elaboração de recomendações e diretrizes internacionais.

No entanto, além de o Estado brasileiro historicamente não alocar recursos humanos e financeiros suficientes para a plena realização dessa política, o êxito dela também depende de uma maior participação das populações vizinhas a esses povos na formulação e implementação das estratégias e ações de proteção de sua vida e territórios, sobretudo em contextos de compartilhamento territorial entre povos indígenas contatados e isolados. E, não menos importante, do efetivo reconhecimento e respeito a diversas políticas indígenas que pautam as relações entre esses povos. Esse diálogo é fundamental para o enfrentamento de novos e velhos desafios relacionados à proteção e garantia dos direitos dos povos indígenas isolados e de recente contato – e para a superação de assimetrias nas relações entre o Estado brasileiro e os povos indígenas.

Essa foi uma das questões centrais que motivaram o projeto Proteção Etnoambiental de Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato, realizado pelo CTI em cooperação técnica com a Funai, com apoio do Fundo Amazônia/BNDES, de 2015 a 2019. Sua elaboração teve como base os resultados e aprendizagens de trabalhos desenvolvidos pelo CTI nesta temática desde a década de 1980, incluindo projetos em cooperação técnica com o órgão indigenista a partir dos anos 1990². Sua elaboração teve como base os resultados e aprendizagens de trabalhos desenvolvidos pelo CTI nesta temática desde a década de 1980, incluindo projetos em cooperação técnica com o órgão indigenista a partir dos anos 1990.

O projeto teve como objetivo o apoio à proteção dos povos indígenas isolados e de recente contato e de seus territórios na Amazônia brasileira. Suas ações foram estruturadas em cinco componentes:

2. A primeira parceria entre o CTI e a Funai para a proteção de indígenas isolados se deu em 1994, com financiamento da empresa de energia Furnas, no contexto da construção da UHE Serra da Mesa (GO), que atingiu o território do povo Ava Canoeiro. Em 1999 teve início o primeiro projeto executado em parceria com o então DII/Funai na região do Vale do Javari, o Programa Etno-Ambiental do Vale do Javari, com apoio da Comissão Europeia (CE) e da Agência Espanhola de Cooperação Internacional (Aecid). Entre 2004 e 2008, a parceria teve continuidade por meio do projeto Sistema de Proteção de Terras Indígenas, apoiado pela Fundação Gordon & Betty Moore (que também contemplou as Frentes de Proteção Etnoambiental Rio Envira, no Acre, e Guaporé, em Rondônia). Entre 2008 e 2011, o CTI apoiou a proteção de povos indígenas isolados e de recente contato no Vale do Javari, no Médio Purus e na região do Madeirinha (MT), por meio de projeto financiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid). Além dessas iniciativas em cooperação com a Funai, nas décadas de 2000 e 2010 foram desenvolvidos projetos voltados à afirmação dos direitos e à proteção dos povos indígenas isolados na fronteira Brasil-Peru com apoio da Fundação Rainforest da Noruega, que fomentaram a articulação transfronteiriça de diversas organizações indígenas e da sociedade civil dos dois países e contemplaram ações no Vale do Javari.

1 – Apoio às ações da Funai de localização e monitoramento de registros de indígenas isolados na Amazônia brasileira.

2 – Aprimoramento metodológico da investigação e gestão da informação sobre os registros de povos indígenas isolados.

3 – Incremento da interlocução com povos indígenas e populações do entorno de territórios dos povos indígenas isolados para a elaboração e implementação de estratégias de gestão territorial que contribuam para a proteção destes.

4 – Ampliação da participação da sociedade civil em agendas internacionais para a proteção e promoção dos direitos de povos indígenas isolados e de recente contato em países da bacia amazônica.

5 – Capacitação de servidores que atuam nas Frentes de Proteção Etnoambiental (FPEs) da Funai em política indigenista, metodologias de proteção de povos indígenas isolados e de recente contato e temas correlatos.

A presente publicação apresenta as principais experiência e resultados desse trabalho, que envolveu diversos povos e organizações indígenas, organizações da sociedade civil, pesquisadores, especialistas, órgãos de Estado e organismos multilaterais. A cooperação e engajamento dessas pessoas e instituições foi fundamental para a realização do projeto.

A primeira parte da publicação, Proteção Etnoambiental de Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato na Amazônia, contém informações gerais sobre os povos indígenas no Brasil e a política do Estado brasileiro para a sua proteção, além de um resumo dos resultados alcançados pelo projeto, estruturados pelos seus componentes. A segunda parte, Povos e territórios, apresenta as principais ações desenvolvidas nas seis regiões que foram foco do trabalho junto a povos indígenas e populações do entorno de territórios de povos indígenas isolados: Acre, Madeira-Purus, Madeirinha-Juruena, Maranhão, Norte do Pará e Vale do Javari. A terceira e última parte, Olhares e fronteiras, traz informações sobre a presença de povos indígenas isolados e de recente contato na América do Sul e um resumo dos antecedentes e das principais ações realizadas para a ampliação e fortalecimento da participação da sociedade civil em agendas regionais voltadas à proteção e promoção dos direitos desses povos.

Os textos foram elaborados a partir de relatórios, conteúdos do Boletim Povos Isolados na Amazônia e outros produtos do projeto. Esperamos que as informações aqui apresentadas contribuam para fomentar o debate e a reflexão sobre a problemática dos povos indígenas isolados e de recente contato na América do Sul, e para o aprimoramento de ações voltadas à sua proteção.



Povos de recente contato Zo'é (acima), Yanomami (ao lado) e Awa Guajá (abaixo).



A POLÍTICA DE PROTEÇÃO DE POVOS INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO DO ESTADO BRASILEIRO³

Há pouco menos de 30 anos o Estado brasileiro viveu um importante ponto de inflexão em sua relação histórica com os povos indígenas. Se no plano geral a promulgação da Constituição Federal de 1988 consagrou o fim da ditadura civil-militar e foi o mais importante marco no processo de redemocratização do país, no que diz respeito aos direitos indígenas significou a ruptura com o paradigma da tutela e com a perspectiva integracionista que pautavam as políticas públicas dirigidas aos povos indígenas até então.

No que concerne especificamente aos povos indígenas isolados, em 1987 já havia sido operada internamente à Fundação Nacional do Índio (Funai) uma mudança crucial de orientação na ação indigenista até então adotada por este órgão de Estado (e, anteriormente, pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI). Diante das graves consequências das práticas de “atração” e de inúmeros contatos forçados promovidos pelo Estado ao longo de décadas – que causaram centenas de mortes e até mesmo o desaparecimento de povos inteiros –, um grupo de sertanistas propôs aquelas que seriam as bases para a institucionalização da política de proteção de povos indígenas isolados, tendo como diretrizes fundamentais o imperativo do não-contato e o desenvolvimento de ações de proteção territorial. Data deste momento o conjunto de portarias que instituiu o Sistema de Proteção ao Índio Isolado, aprimorado posteriormente por meio de outros atos administrativos do órgão indigenista e decretos relacionados à estrutura do órgão indigenista (ver BOX Política do Estado brasileiro de proteção de povos indígenas isolados e de recente contato).

3. Texto adaptado de relatório encaminhado pelo CTI, pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (disponível no endereço <https://bit.ly/1QxBOV>).



Equipe da Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema/Funai em expedição de localização realizada em 2015.

Todo o conjunto de práticas acumulado e empregado até então pelo Estado para contatar povos ou grupos em isolamento foi reorientado para o desencadeamento de ações visando à sua localização, monitoramento e proteção territorial, respeitando a manifesta recusa desses povos em estabelecer contatos permanentes. Essa mudança de perspectiva foi sendo gradativamente incorporada às ações do órgão indigenista e aprimorada ao longo dos anos subsequentes. Esse processo teve como principais resultados o avanço no processo de investigação e sistematização de informações sobre povos indígenas isolados, consolidando uma metodologia que é ainda hoje referência no tema; a constituição de Frentes de Proteção Etnoambiental em substituição às antigas Frentes de Atração e Frentes de Contato; a ampliação de ações permanentes de proteção territorial em diferentes regiões da Amazônia brasileira; e avanços na regularização fundiária de terras indígenas com a presença confirmada de indígenas isolados.

No que diz respeito às políticas de pós-contato e à promoção dos direitos dos povos indígenas de recente contato, embora ainda restem desafios imensos para o seu desenvolvimento e implementação à luz dos direitos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988, também houve avanços significativos. Isso é atestado, por exemplo, pela baixa mortalidade verificada nos processos de contato ocorridos desde 1996, em comparação com inúmeros contatos promovidos pela Funai e pelo SPI em décadas anteriores; e pela construção de programas específicos com alguns desses povos, respeitando e valorizando seus anseios, suas territorialidades, modos de vida e processos de transmissão de conhecimento.

Esse conjunto de mudanças conferiu ao Brasil papel de destaque no desenvolvimento de políticas públicas de proteção e promoção de direitos de povos indígenas isolados, inspirando outros países na América do Sul e servindo de referência em processos de consulta que subsidiaram a elaboração de recomendações e diretrizes sobre o tema no plano internacional⁴ (ver parte 3 – Olhares e Fronteiras).

AMEAÇAS E DESAFIOS

É importante destacar que os avanços mencionados não se deram de maneira uniforme em todas as regiões onde há registros sobre a presença de indígenas isolados no Brasil e povos de recente contato, tampouco foram suficientes para reverter de forma homogênea as violações de direitos sofridas por esses povos no país. O número de registros de indígenas isolados, de Frentes de Proteção Etnoambiental e sua área de atuação sofreram oscilações ao longo do tempo, deixando povos e seus respectivos territórios sujeitos a diversos tipos de violência e pressão.

Ainda hoje há 86 registros não confirmados, 35 deles fora de TIs reconhecidas. Destes, 17 encontram-se em regiões com altas taxas de desmatamento e/ou afetadas por empreendimentos de infraestrutura no norte do estado do Mato Grosso, no oeste do estado do Maranhão, no centro-sul do estado do Pará e em Rondônia⁵.

Chaco e a Região Oriental do Paraguai e no relatório Povos Indígenas em Isolamento Voluntário e Contato Inicial nas Américas: Recomendações para o Respeito Integral a Seus Direitos Humanos.

4. De que são exemplo os seminários e consultas realizados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) e Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), que culminaram, respectivamente, na elaboração das Diretrizes de Proteção para os Povos Indígenas em Isolamento e em Contato Inicial da Região Amazônica, o Grande Chaco e a Região Oriental do Paraguai e no relatório Povos Indígenas em Isolamento Voluntário e Contato Inicial nas Américas: Recomendações para o Respeito Integral a Seus Direitos Humanos.

5. Amorim, F. 2017. *Subsídios à CIDH/ONU: situação dos povos indígenas isolados e de recente contato no Brasil* (Informação Técnica – Funai. Brasília: Funai).



O garimpo, a atividade madeireira, a caça e pesca ilegais e a expansão da atividade agropecuária sobre áreas de floresta são algumas das pressões e ameaças aos povos indígenas isolados e de recente contato na Amazônia na atualidade





Registro fotográfico do contato entre indígenas do Povo de Recente Contato do Xinane e os Ashaninka da aldeia Simpatia, no alto rio Envira, em 2014.



Maloca e roçado de um grupo do povo Korubo na TI Vale do Javari.

Levantamento realizado pelo Instituto Socioambiental⁶ identificou 56 obras de infraestrutura em operação impactando 28 TIs, 13 unidade de conservação (UC) federais, 04 UCs estaduais e 05 áreas sem proteção, territórios onde estão localizados 67 registros de povos indígenas isolados – 09 confirmados, 15 em estudo e 44 informações. O mesmo estudo apurou que 900 mil hectares foram desmatados até 2018 em áreas com presença de indígenas isolados; que a metade dos registros confirmados sofre alguma pressão ilícita (garimpo, extração madeireira, grilagem de terras, dentre outras atividades) ou tem interesses minerários incidentes sobre seus territórios.

Por outro lado, mesmo em contextos em que a regularização fundiária e ações permanentes de fiscalização e monitoramento territorial reduziram consideravelmente as pressões sofridas pelos povos indígenas por parte de frentes extrativistas e de colonização, transformações nas dinâmicas territoriais indígenas passaram a impor novos desafios para a política de proteção de povos indígenas isolados. O número crescente de relatos sobre a presença de indígenas isolados próximo a aldeias de povos ou grupos vizinhos contatados, de avistamentos e saques em diferentes regiões da Amazônia indicam risco iminente de possíveis contatos e conflitos, e a necessidade de aprimoramento da política de proteção, sobretudo nesses contextos de vizinhança/compartilhamento territorial.

Os cinco processos de contato ocorridos entre 2014 e 2019 (ver Povos e Territórios – Acre, Maranhão e Vale do Javari) colocaram em evidência alguns dos desafios relacionados às crescentes pressões sobre os territórios indígenas e à complexidade de contextos de compartilhamento territorial na atualidade. Para além do necessário fortalecimento da capacidade operacional do órgão indigenista, essas situações e os alertas

6. *Cercos e resistências: povos indígenas isolados na Amazônia Brasileira*, Instituto Socioambiental, 2019 (disponível no endereço <https://bit.ly/1o1oNj>).

trazidos por diferentes povos, comunidades e organizações nos últimos anos também colocam em evidência a necessidade de se intensificar e aprimorar mecanismos e espaços de participação indígena na política de proteção e promoção de direitos dos povos indígenas isolados e de recente contato. Não apenas em caráter informativo, ou na condição de colaboradores em determinadas atividades de campo, mas também no debate, formulação, tomada de decisão e implementação das estratégias e ações voltadas à proteção dos povos indígenas isolados e de recente contato.

Esse tem sido um dos focos de atuação do CTI e constituiu um dos objetivos do projeto Proteção Etnoambiental de Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato na Amazônia. Ao longo desta publicação, são apresentadas informações sobre as principais ações desenvolvidas com esse propósito e seus resultados, em diferentes regiões da Amazônia brasileira e também no âmbito de agendas regionais voltadas à proteção e promoção dos direitos dos povos indígenas isolados e de recente contato na América do Sul.

É importante assinalar, contudo, que a proteção desses povos depende de investimentos contínuos por parte do Estado, e o que tem se verificado nos últimos anos no Brasil é o inverso disso. Os avanços na proteção de povos indígenas isolados e de recente contato logrados nas últimas décadas se encontram gravemente ameaçados na atual conjuntura brasileira, que é a mais desfavorável aos direitos indígenas desde a ditadura civil-militar nos anos 1960-1980. O recrudescimento de ataques a esses direitos, o aumento de pressões sobre as terras indígenas, o acirramento de conflitos envolvendo povos indígenas, o enfraquecimento da Funai e da política indigenista têm impactado severamente os povos indígenas isolados e de recente contato, e constituem riscos para sua sobrevivência.



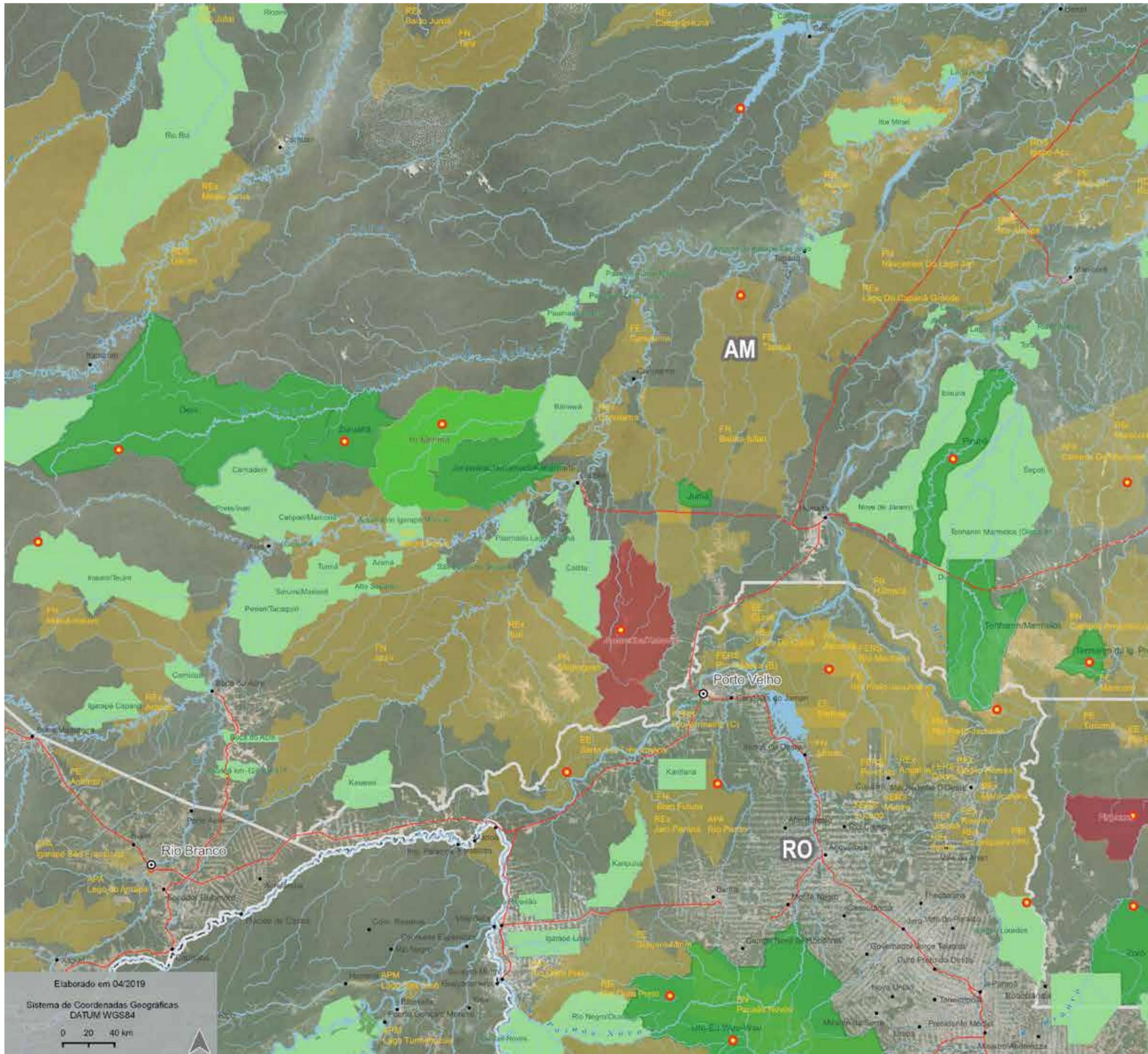
2.2

MÉDIO PURUS MADEIRA

Terra Indígena Banawa
Terra Indígena Jarawara/Jamamadi/Kanamati
Terra Indígena Hi-Merimã

Proteção e Isolamento em Perspectiva

Médio Purus - Madeira

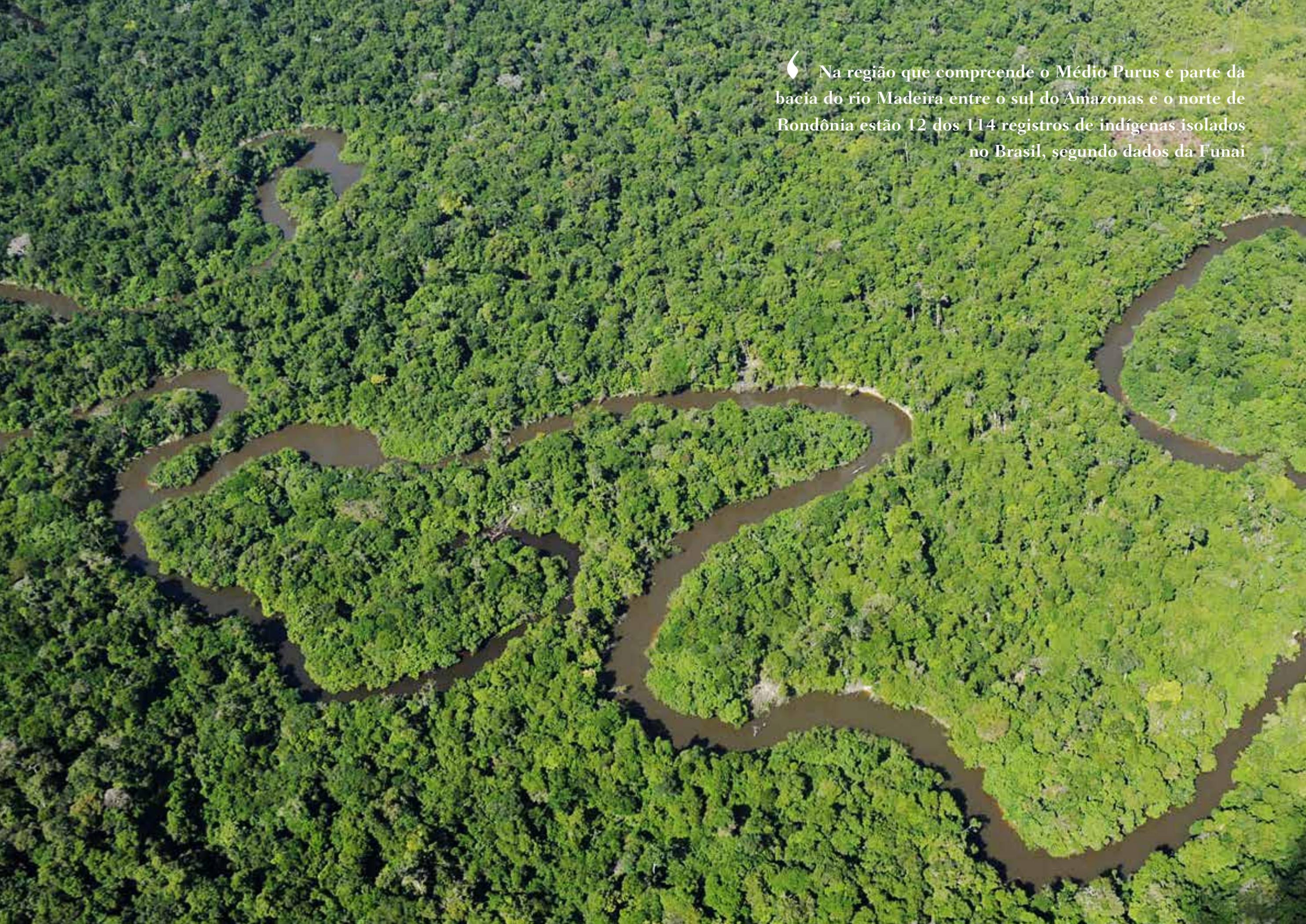


- ### Legenda
- Referência de povos isolado e de recente contato (Brasil)
 - Terra Indígena habitada exclusivamente por povos isolados
 - Terra Indígena com restrição de uso
 - Terra Indígena com registro de povos isolados
 - Reserva Territorial para povos isolados e de recente contato (Peru)
 - Proposta de Reserva Territorial para povos isolados e de recente contato (Peru)
 - Territórios indígenas reconhecidos oficialmente
 - Territórios indígenas sem reconhecimento oficial
 - Área natural protegida (Peru) e Unidades de Conservação (Brasil)
 - Hidrografia
 - Rodovia
 - Sede Municipal
 - Capital Estadual
 - Limite Estadual
 - Limite Internacional

Fontes
Terras indígenas no Brasil - FUNAI, 2017
Territórios Indígenas na América Latina e Áreas Naturais Protegidas - RAISG, 2018
Limites Estadual Sedes Municipais e Capitais - IBGE, 2018
Rodovias - DNIT, 2018
Ferrovias - ANTT, 2018
Hidrografia - ANA, 2108
Limite Internacional - GeoSUR, 2016

Elaborado em 04/2019
Sistema de Coordenadas Geográficas
DATUM WGS84
0 20 40 km

Realização: Parceria: Apoio:

An aerial photograph showing a dense, vibrant green forest. A river with a dark, muddy brown color winds through the forest in a meandering pattern, creating several large, rounded loops. The forest canopy is thick and uniform in color, with some small variations in shade. The river's path is clearly defined against the green background.

Na região que compreende o Médio Purus e parte da
bacia do rio Madeira entre o sul do Amazonas e o norte de
Rondônia estão 12 dos 114 registros de indígenas isolados
no Brasil, segundo dados da Funai

ÁREA FOCAL PRIORITÁRIA DO PROJETO

| TERRA INDÍGENA | POVOS | POPULAÇÃO | SITUAÇÃO | ÁREA |
|----------------------------|-------------------|--------------|--------------|------------------|
| Banawa | Banawá | 207 | Regularizada | 192.660 hectares |
| Jarawara/Jamamadi/Kanamati | Jamamadi Jarawara | 387 275 | Regularizada | 390.233 hectares |
| Hi-Merimã | Isolados | Desconhecida | Regularizada | 677.840 hectares |

OUTRAS TERRAS INDÍGENAS E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO COM INTERFACES NAS AÇÕES DO PROJETO

| TERRA INDÍGENA/ UNIDADE DE CONSERVAÇÃO | POVOS | POPULAÇÃO | SITUAÇÃO TI / DIPLOMA LEGAL DE CRIAÇÃO UC | ÁREA |
|---|----------|--------------|---|--------------------|
| Zuruahã | Suruwahá | 155 | Regularizada | 239.070 hectares |
| Jacareúba/Katawixi | Isolados | Desconhecida | Restrição de uso | 647.386 hectares |
| Tenharim do Igarapé Preto | Tenharin | 174 | Regularizada | 87.413 hectares |
| Tenharim Marmelos | Tenharin | 737 | Regularizada | 497.522 hectares |
| Pirahã | Pirahã | 669 | Regularizada | 346.911 hectares |
| Reserva Extrativista do Médio Purus | - | 6.000 | Decreto s/nº de 08/05/2008. | 604.231 hectares |
| Parque Nacional Mapinguari | - | - | Decreto s/nº de 05/06/2008; Lei nº 12.249/2010; Lei nº 12.678/2012 | 1.776.914 hectares |
| Parque Nacional Campos Amazônicos | - | - | Decreto s/nº de 21/06/2006; Lei nº 12.678/2012 | 961.371 hectares |
| Estação Ecológica Serra dos Três Irmãos | - | - | Decreto nº 4.584/1990; Lei Complementar nº 633/2011; Lei Complementar nº 974/2018 | 87.409 hectares |
| Floresta Nacional do Bom Futuro | - | - | Decreto nº 96.188/1988; Lei nº 12.249/2010 | 100.075 hectares |
| Floresta Nacional de Jacundá | - | - | Decreto s/nº, de 01/12/2004 | 221.217 hectares |
| Reserva Biológica de Manicoré | - | - | Decreto s/nº, de 11/05/2016 | 359.137 hectares |

Fontes de dados populacionais: Sesai, 2014 (TI Banawa); Sesai, 2013 – Jarawara – e Karen Shiratori, 2015 – Jamamadi – (TI Jarawara/Jamamadi/Kanamati); Sesai, 2017 (TI Zuruahã); Sesai, 2018 (TIs Tenharim do Igarapé Preto e Pirahã); Funai, 2012 (TI Tenharim Marmelos); ICMBio, 2014 (Resex do Médio Purus).

A REGIÃO DO MÉDIO PURUS – MADEIRA¹

Na região que compreende o Médio Purus e parte da bacia do rio Madeira entre o sul do Amazonas e o norte de Rondônia estão 12 dos 114 registros de indígenas isolados no Brasil, segundo dados da Funai – 01 referência confirmada (que corresponde ao povo Hi Merimã, que vive na TI homônima), 04 referências em estudo e 07 informações. Essa extensa área de florestas corresponde à área de atuação da Frente de Proteção Etnoambiental Madeira-Purus (FPEMP/Funai) e abriga grande diversidade sociocultural, de ecossistemas e paisagens, incluindo formações de cerrado amazônico. Nela vivem atualmente povos das famílias linguísticas Arawa (Banawá, Deni, Hi Merimã, Jamamadi, Jarawara, Paumari e Suruwaha), Arawak (Apurinã), Tupi Kagwahiva (Djahui, Juma, Parintintin, Tenharin), Mura (Pirahã) e Arikén (Karitiana, único povo remanescente desta família linguística)², às quais possivelmente também pertencem povos indígenas em isolamento cuja existência ainda não foi confirmada pelo Estado brasileiro.

Parte dessa diversidade se encontra relativamente protegida pelo reconhecimento de 33 terras indígenas e a criação de 18 unidades de conservação federais e 09 unidades de conservação estaduais³ nas últimas décadas. Algumas dessas áreas protegidas não tiveram seus processos de regularização fundiária concluídos ou não foram devidamente implementadas até o presente, o que, somado à insuficiência de ações de fiscalização, as deixa mais vulneráveis às pressões e ameaças que caracterizam a região no presente. Além disso, há territórios tradicionais de povos indígenas ainda não reconhecidos e os 11 registros de indígenas isolados não confirmados demandam ações continuadas de localização pela Funai.

1. Texto adaptado a partir da Edição #01 do Boletim Povos Isolados na Amazônia – “Médio Purus: resistência à expansão das frentes econômicas” (<https://boletimisolados.trabalhoindigenista.org.br/2015/12/09/medio-purus-resistencia-a-expansao-das-frentes-economicas/>), de relatórios de atividades da equipe do projeto e dos seguintes produtos elaborados no âmbito do projeto: “Diagnóstico da presença dos povos isolados Kagwahiva na bacia do rio Madeira” e “Diagnóstico Hi-Merimã (Médio Purus – Amazonas)”, elaborados por Karen Shiratori; “Diagnóstico Suruwaha”, elaborado por Miguel Aparício; relatórios do seminário “Diálogo sobre isolamento e contato: os Hi-Merimã e os povos do seu entorno”, elaborados por M. Aparício e K. Shiratori.

2. O recorte apresentado não contempla a totalidade de povos e famílias linguísticas nas bacias dos rios Purus e Madeira, e se baseia na área de atuação da Frente de Proteção Etnoambiental Madeira-Purus (FPEMP/Funai) e nas relações conhecidas até o presente entre os povos citados e os registros sobre a existência de indígenas isolados circunscritos a esta FPE. Deste modo, não são indicados outros povos Tupi Kagwahiva como os Karipuna, Uru Eu Wau Wau, Amondawa e os isolados Kawahiva do Rio Pardo e Piripkura; tampouco os Kaxarari (de língua da família Pano) e os Mura (da família linguística homônima), bem como outros povos do alto Purus, alto Madeira e áreas de interflúvio com outras grandes bacias hidrográficas, como o Jurua e Tapajós.

3. As 12 TIs atendidas pela Coordenação Regional Madeira/Funai, as 21 TIs atendidas pela CR Médio Purus/Funai e as seguintes UCs: (federais) Flona Mapiá-Inauini, Flona Purus, Flona Iquiri, Flona Balata-Tufari, Resex Arapixi, Resex Médio Purus, Resex Ituxi, Parna Mapinguari, no médio Purus; Flona do Bom Futuro, Flona do Jamari, Flona de Jacundá, Flona de Humaitá, Resex Lago do Cuniã, Esec de Cuniã, Parna Campos Amazônicos, APA dos Campos de Manicoré, Rebio Manicoré, Flona do Aripuanã, na bacia do rio Madeira; (estaduais) Flota de Tapauá, Flota de Canutama, Resex Canutama, no Médio Purus; Esec de Samuel, Flota Rio Preto/Jacundá, Esec Serra dos Três Irmãos, Flota Rio Madeira, Flota Rio Machado, Flota Manicoré, na bacia do rio Madeira. Nem todas essas áreas contaram com ações do projeto. Outras TIs e UCs na região não compõem esse recorte por estarem distantes dos registros de indígenas isolados sob jurisdição da FPEMP/Funai.

Dança durante
Assembleia
da Federação
das Organizações
Indígenas do Médio
Purus (Focimp)



Menino Kagwahiva
tocando flauta.



Bido,
liderança
do povo
Banawá



Criança
Jamamadi

POVOS INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO EM RISCO

Dos 12 registros de indígenas isolados sob jurisdição da FPEMP/Funai, 06 estão localizados dentro das TIs Hi-Merimã, Jacareúba/Katawixi, Tenharim do Igarapé Preto, Pirahã e Deni; 05 estão localizados em UCs (na Flota Tapauá, Flona do Bom Futuro, Flona de Jacundá, Esec Serra Três Irmãos e Rebio do Manicoré); e 01 está fora de TIs reconhecidas e de UCs, próximo aos limites da TI Inauini/Teuini. Além disso, a Frente é responsável pela implementação das ações do órgão indigenista junto aos Suruwahá de recente contato.

Mesmo no interior de áreas protegidas, todos esses registros se encontram ameaçados pela extração ilegal de madeira, o garimpo, a expansão da atividade agropecuária, a grilagem de terras, queimadas e projetos de infraestrutura. Empreendimentos hidrelétricos, interesses minerários, caça e pesca comerciais, atividades extrativistas e narcotráfico também compõem o quadro de pressões e ameaças aos povos e às florestas da região. Os eixos rodoviários constituem o principal vetor de desmatamento, degradação florestal e transformação do uso do solo na região.

O proselitismo religioso é outro foco de pressão sobre povos indígenas isolados e de recente contato. São constantes as investidas e o assédio de missionários evangélicos buscando estabelecer contato com os Hi-Merimã em isolamento e atuar junto aos Suruwahá de recente contato no Médio Purus, incluindo a realização de expedições ilegais, campanhas e lobby junto à bancada evangélica no Congresso Nacional.



A caça e pesca ilegais e a captura de quelônios para fins comerciais, a extração ilegal de madeira e o avanço da atividade agropecuária sobre áreas de floresta são algumas das pressões e ameaças aos povos indígenas da região.



HISTÓRICO DE COLONIZAÇÃO E PRESSÕES CONTEMPORÂNEAS

O início do processo de colonização das bacias dos rios Madeira e Purus remonta ao século XVII, quando têm início o estabelecimento de missões religiosas e incursões voltadas ao reconhecimento territorial, ao povoamento de caráter militar, ao extrativismo de drogas do sertão e à escravização de populações indígenas “hostis” à presença dos colonizadores. Ao longo dos dois séculos seguintes, a presença não indígena na região permaneceu esparsa e pouco interiorizada, embora tenha sido suficiente para provocar drástica depopulação e reconfigurar a ocupação indígena.

Apartir de meados do século XIX, a incorporação da região ao mercado internacional e sua exploração por contingentes populacionais não indígenas foram intensificados, processo que foi impulsionado pelo primeiro período de expansão da economia da borracha. A exemplo do que ocorreu em diversas partes da Amazônia, a implantação de seringais e seu sistema de aviamento transformaram profundamente a vida dos povos indígenas e a paisagem social da região. Epidemias, massacres, incorporação como força de trabalho nos seringais, perdas territoriais e populacionais foram alguns dos impactos sofridos por esses povos, com consequências sobre seu modo de vida, dinâmicas territoriais e as redes de relação interétnicas. A atual configuração da ocupação indígena e as estratégias de isolamento de povos como os Hi-Merimã têm relação direta com essas transformações.

Resguardadas as muitas mudanças e oscilações na economia da borracha, em linhas gerais o sistema de aviamento perdurou como elemento central da organização socioespacial e econômica da região até a segunda metade do século XX, envolvendo também outros produtos florestais como a castanha. Com o definitivo declínio da empresa seringalista, verificou-se um processo de esvaziamento de muitos dos antigos seringais, e a migração de parte de sua população para os centros urbanos da região e para comunidades localizadas às margens ou mais próximas dos grandes rios.

A abertura das rodovias BR-364, BR-319, BR-317 e BR-230 entre as décadas de 1960-70 e projetos de colonização promovidos pela ditadura militar transformaram a região. O desmatamento explodiu em escala e velocidade sem precedentes a partir dos anos 1980, seguindo os principais eixos rodoviários, uma multiplicidade de ramais que se originaram como via de penetração e exploração, e também a abertura de novas áreas de garimpo. A atividade agropecuária passou a definir progressivamente a lógica de ocupação e organização do espaço, os fluxos e dinâmicas socioeconômicas, e a constituir as principais forças políticas regionais.

Com a consolidação desse modelo e a indisponibilidade de novas áreas em Rondônia e no sul do Acre, a frente agropecuária tem avançado para o sul do Amazonas, onde se verifica uma pressão crescente nos últimos anos. Esse processo tem se caracterizado pelo acirramento de conflitos fundiários, grilagem de terras, degradação ambiental e desterritorialização de povos e populações, não raras vezes associados ao trabalho escravo.

Na região conhecida como “arco do desmatamento”, Lábrea é o município campeão de perdas de áreas de floresta no estado do Amazonas desde 2002, registrando uma extensão acumulada de 4.785,3 km² (ou 478.530 hectares) desflorestados até 2018, segundo dados do Projeto de Monitoramento do Desmatamento da Floresta Amazônica Brasileira por Satélite, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

(Prodes/Inpe). Dos dez municípios amazonenses onde atua a FPEMP⁴, sete estão entre os vinte municípios que mais desmataram no Amazonas até 2018. A área de atuação da Frente abrange ainda os municípios de Porto Velho e Candeias do Jamari, em Rondônia, respectivamente o 1º e 13º municípios que mais desmataram neste estado até 2018. Em conjunto, os doze municípios onde atua a FPEMP perderam 2.360.320 hectares de florestas até 2018. Se levarmos em conta também o município de Boca do Acre, dada sua importância como vetor do desmatamento no sul do Amazonas e na bacia do rio Purus, a área desflorestada acumulada até 2018 é de 2.622.240 hectares.

Projetos de aproveitamento hidrelétrico constituem outro foco de pressão sobre populações e territórios na região. Após a construção das usinas de Samuel (na década de 1980), Santo Antônio e Jirau (nas décadas de 2000-2010), está em curso atualmente o processo de licenciamento da UHE Tabajara, no rio Ji-Paraná (ou rio Machado), que impacta o povo Tenharin e áreas com registro de indígenas isolados.

4. Lábrea, Tapauá, Canutama, Pauini, Itamarati, Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã, Tefé e Coari.



Avanço do desmatamento no sul do Amazonas

OS POVOS MADI DO INTERFLÚVIO PURUS-PIRANHA⁵

Os Jamamadi⁶, os Jarawara, os Banawa e os Hi Merimã contemporâneos se constituíram a partir de uma rede de grupos falantes de dialetos de uma mesma língua madi, da família Arawá, habitantes do interflúvio Purus-Piranha, interagindo num mesmo sistema de comunicação e intercâmbio político, econômico e ritual. Essa rede sofreu cortes e alterações drásticas com o avanço da economia extrativista sobre os territórios indígenas. A pressão exercida pelas sucessivas frentes exploratórias, as correrias, epidemias e guerras resultaram em sucessivos deslocamentos, grandes baixas demográficas e processos de reagrupamento, fissão e ruptura, definindo a constituição atual dos povos indígenas no Purus. Os etnônimos hoje utilizados por eles e entre eles são indícios da magnitude e multiplicidade dessa rede no passado.

De um modo geral, as referências históricas ao nome “jamamadi” são esparsas e pouco precisas, principalmente quanto à localização de suas habitações. O termo “jamamadi” era aplicado a diversos povos do Médio Purus que habitavam, preferencialmente, as terras firmes não alagáveis, evitando as margens e os cursos d’água mais caudalosos. Seu caráter generalizante revela não ser possível determinar com precisão se todas as referências se aplicam aos Jamamadi atuais do Médio Purus, dado que o termo era usado para identificar uma miríade de grupos, muitos dos quais foram exterminados, enquanto outros hoje são conhecidos segundo etnônimos diferentes. No entanto, esse aspecto permite retratar informações sobre o contato e as relações entre os povos do Purus. Menos que um etnônimo, “jamamadi” era uma qualificação inclusiva aplicada à multidão de pequenos agrupamentos que habitavam as florestas. Assim, os Jamamadi, os Banawá (também chamados de Jamamadi do Apituã no passado), os Jarawara, os Hi-Merimã e também os Sivakoedeni e os Jamamadi madiha, eram todos identificados sob o termo “Jamamadi”.

Documentos do SPI das décadas de 1930 e 1940 fazem menção à presença de indígenas Jamamadi e Marimã no Posto Indígena Pedro Dantas; a indígenas Jamamadi no igarapé Duque, afluente do rio Mamoriá; aos Katukina, Mamori, Pauquiri, Tucumanduba e Beidamam nos rios Tapauá e Cuniuá; aos Jamamadi, Canamati e Jarawara no rio Piranha; aos Jamamadi e Araçadeni no rio Curiá; e aos Marimã no Riozinho. Há indicação de que perfaziam um total de mil indivíduos, segundo aquele órgão indigenista. Os relatórios dão conta das sucessivas investidas e chacinas sistemáticas que levaram ao extermínio dos Mamori, Katukina e Ximarimã, no rio Cuniuá; dos Jamamadi, no rio Pauini, e dos Juma, do rio Mucuim e seus afluentes. Possivelmente, os Marimã, Beidamam, Marimam e Ximarimã de que tratam os relatos sejam os Hi-Merimã.

A presença dos brancos acirrou e estimulou conflitos preexistentes entre os grupos madi, os Juma e os Apurinã, constituindo um fator adicional para o abandono dos territórios tradicionais e a fuga para regiões mais protegidas no interflúvio Piranha-Purus. Uma delas corresponde às imediações do rio Curiá, localizado numa parte mais afastada dos grandes rios e que, por isso, tornou-se a região de concentração e encontro

5. Texto adaptado a partir dos seguintes documentos produzidos no âmbito do projeto: relatórios do seminário “Diálogo sobre isolamento e contato: os Hi-Merimã e os povos do seu entorno” elaborados por Karen Shiratori e Miguel Aparício; e plano de trabalho da Consultoria especializada para elaboração de diagnóstico sobre o povo indígena isolado Hi-Merimã, para subsidiar a construção do Plano de Proteção de Povos Indígenas Isolados no sul do Amazonas, elaborado por Karen Shiratori.

6. Atualmente a designação “Jamamadi” se refere tanto ao povo de língua madi que vive na TI Jarawara/Jamamadi/Kanamati (também chamados de Jamamadi orientais), quanto ao de língua madiha que vive na TI Capana e na TI Inauini/Teunini (nesta última, conhecidos como Sivakoedeni).

dos remanescentes dos grupos *madi* que formam os atuais Jamamadi. A respeito deste tema, os relatos desse povo pouco variam, contam que seus pais e avós desceram os rios e igarapés abandonando as antigas malocas onde viviam seus antepassados: dos Nakanike, sobraram poucas pessoas da epidemia de sarampo que assolara uma grande maloca que existia na cabeceira do Sabuhã; dos Hawa, Boti, Kosiba e Hi-Merimã, restaram apenas poucas pessoas cujos trajetos feitos em fuga mal podem ser reconstituídos. O grupo derradeiro a se juntar aos demais foi o Wayafi, vindo do Apaha, afluente do igarapé Mamoriazinho, em razão de um conflito com os Apurinã que os dispersou em duas direções: um grupo partiu rumo ao Curiá e se juntou aos Jamamadi, e o outro alcançou os Jarawara no Cainã.

Relatos dos Banawa também indicam uma trajetória marcada por movimentos de recuo para áreas do interflúvio Purus-Piranha após conflito com seringueiros e patrões do rio Purus na década de 1930, como medida de segurança perante a expansão seringueira que controlava as várzeas deste rio. Na década de 1950, com o avanço da frente extrativista no rio Piranha em busca de látex de sorva, castanha, óleo de copaíba, peles de animais e quelônios, se dá o contato entre os Banawá e Firmino Cunha, então o principal patrão naquele rio. Se servindo dos Jamamadi para estabelecer o contato e as primeiras negociações com os Banawa, Firmino logra incorporá-los às suas atividades extrativistas, que tinham o barracão na localidade de Palhalzinho como centro de referência. Tabora Made (que, em português, os Banawa traduzem como “A Maloca Grande”) gradativamente adquire uma configuração de aldeia e alguns Banawa se instalam temporariamente nas localidades de Ressaca da Onça, Palhalzinho, São José, Ouricuri e Santa Cruz, em estreita convivência com os sorveiros regionais. Firmino morreu por volta de 1970, deixando aberto um espaço para diversos patrões e regatões da região.

Outro fator decisivo para a reunião dos remanescentes desses grupos e sua sedentarização foi a chegada, na década de 1960, de missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) e seu estabelecimento junto aos Jamamadi. A presença da Missão, com seus medicamentos e infraestrutura de apoio, contribuiu para a formação de agrupamentos cuja duração, dimensão e densidade demográfica contrariam o padrão de residência dos assentamentos dos grupos *madi*, como é o caso da aldeia São Francisco. Na década de 1980, o SIL estende o mesmo modelo aos Banawa. Pequenos grupos residenciais dispersos são congregados no aldeamento da foz do Yatifa, dando origem à atual aldeia Maloca. Outro grupo se consolidou nas comunidades Paraíba e Ressaca da Onça, preferindo reforçar os laços com o circuito extrativista do rio Piranha. Já os Jamamadi vivem hoje em seis aldeias permanentes na TI Jarawara/Jamamadi/Kanamati (Pauzinho, Embaúba, São Francisco, Seringal, Vitória e Kosi), além de uma dezena de aldeias menores de ocupação intermitente, para onde vão as famílias extensas sobretudo durante o inverno e nos períodos das expedições de extração do óleo de copaíba.

A história dos povos *madi* do médio Purus e a imbricada relação entre eles aportam importantes elementos para analisar o isolamento dos Hi Merimã – sobretudo no caso dos Jamamadi, tendo em vista a sociabilidade intensa mantida entre esses dois grupos no passado. Atualmente os Jamamadi abarcam os remanescentes de alguns grupos falantes de dialetos da mesma língua *madi* que viviam na região compreendida no interflúvio entre o rio Piranha, o igarapé Mamoriazinho e o rio Purus. Os mais

mencionados são: os Hawa, do igarapé Aripuanã; os Nakanike, do igarapé Sabuhã; os Boti, do igarapé Mamoriazinho; os Wayafi, do Apaha; os Kosiba, do rio Curiá; os Hi-Merimã, do alto Riozinho e do Mamoriazinho; os Banawá, da bacia do rio Piranha; por fim, alguns mencionam ainda os Wadi, que teriam vivido na região do igarapé Mamoriazinho, no entanto, são vagas as informações acerca desse grupo.

Além de vizinhos no presente, os Hi-Merimã são, portanto, um dos grupos remanescentes que constituem os Jamamadi contemporâneos. De acordo com Yima, Anieo, Saba e Regina Jamamadi, filhos de Ermina Hi-Merimã, eles seriam os únicos sobreviventes de um grupo vindo do Sabuhã e que, como seus vizinhos Nakanike, foram quase exterminados em sua totalidade por uma das muitas epidemias.

A partir de relatos de indígenas Jamamadi, Apurinã e de ribeirinhos, é possível conjecturar que os Hi-Merimã contemporâneos correspondam a mais de um grupo isolado, a saber: aqueles que teriam habitado o igarapé Sabuhã e o rio Piranha, e aqueles das cabeceiras do igarapé Mamoriazinho. Os primeiros seriam aqueles que foram atacados por Madokihi Nakanike a mando do patrão Sérgio Lopes por volta da década de 1940, enquanto os segundos seriam aqueles que conviveram mais próximos dos Wayafi, do igarapé Mamoriazinho. As diferentes descrições físicas dos Hi-Merimã com os quais já se encontraram (uns de baixa estatura e pele morena, outros, altos de pele alva) corroboram esta suposição.

Os Banawa também falam de encontros passados com os Hi Merimã, principalmente na região do rio Branco, tributário do Piranhas. Relatam episódios violentos de extrativistas que, por volta dos anos 1970, produziram mortes entre os Hi Merimã, e momentos de aproximação deles ao centro extrativista do patrão Firmino no Palhalzinho. A partir dessas narrativas é possível inferir a dispersão dos Hi Merimã em vários grupos. Os Banawa consideram que os Hi Merimã abandonaram a região do rio Branco e se trasladaram a regiões do alto Piranha. Eles descrevem a vida hi merimã com semelhanças significativas com a vida de seus próprios antepassados nos tempos do igarapé Waa, numa época de itinerância permanente na rede de caminhos e igarapés do interflúvio Purus-Piranha.

 **A história dos povos *madi* do médio Purus e a imbricada relação entre eles aportam importantes elementos para analisar o isolamento dos Hi Merimã - sobretudo no caso dos Jamamadi, tendo em vista a sociabilidade intensa mantida entre esses dois grupos no passado.**

INTERVENÇÕES INDIGENISTAS NOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS DO MÉDIO PURUS

A primeira intervenção de um órgão indigenista do estado brasileiro na região do Médio Purus se deu na década de 1920, quando o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) estabeleceu os Postos Indígenas Marienê (também chamado de Pedro Dantas ou Seruini), no rio Sepatini, e Manauacá, no rio Tuini. Estes postos teriam funcionado até os anos de 1950 e 1945, respectivamente⁷, mas a atuação do SPI nesse período não significou maiores mudanças no sistema de funcionamento dos seringais e seus impactos sobre os povos indígenas.

O mesmo se dera com relação às tentativas de estabelecimento de missões na segunda metade do século XIX. Apesar dos intentos missionários e da presença do SPI, os povos indígenas do Médio Purus estiveram submetidos aos padrões seringalistas no período que se estende de meados do século XIX até a década de 1970, sujeitos a diversos tipos de violência e exploração.

Nesse contexto de ausência de políticas e ações do Estado favoráveis aos povos indígenas, as intervenções nos territórios e assentamentos indígenas no Médio Purus a partir da década de 1960 foram protagonizadas por organizações missionárias ou ligadas à igreja: Summer Institute of Linguistics (SIL), Jovens Com Uma Missão (Jocum), Operação Amazônia Nativa (Opan, que à época era denominada Operação Anchieta) e Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Enquanto o trabalho das duas últimas se vinculava a mobilizações crescentes de setores da sociedade civil ligados à igreja católica voltadas ao reconhecimento, defesa e afirmação de direitos dos povos indígenas nos anos 1970-80, a atuação das evangélicas tinha como finalidade a catequese – atuação esta que perdura até os dias atuais no Médio Purus e constitui uma das maiores ameaças aos povos indígenas isolados e aos Suruwaha de recente contato. O caso Suruwaha ilustra bem esse contexto de omissão do Estado e atuação missionária (ver box “Contato e ação missionária: o caso Suruwaha”).

A década de 1990 trouxe importantes mudanças nesse quadro, na esteira dos avanços nos direitos indígenas assegurados pela Constituição Federal de 1988. A partir das mobilizações pelo reconhecimento e regularização de seus territórios, os povos e o movimento indígena se fortaleceram e passaram a se organizar institucionalmente. A maior parte das terras indígenas da região foi demarcada entre os anos 1990 e meados dos anos 2000, no âmbito do Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas na Amazônia Legal (PPTAL), componente do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG7) – marco de vital importância para o avanço da regularização fundiária de terras indígenas na Amazônia brasileira. No final dos anos 1990 também foram estabelecidas políticas públicas específicas voltadas ao atendimento à saúde e à educação indígena.

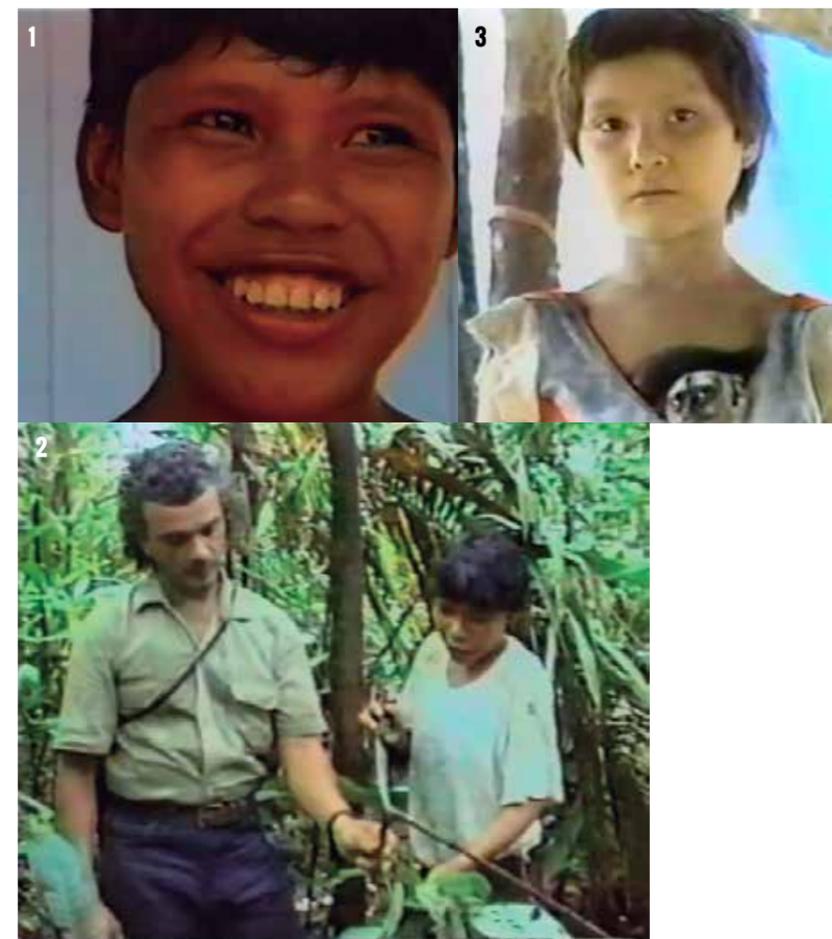
Na década de 1990 também teve início um trabalho mais sistemático de localização de indígenas isolados por parte da Funai, realizado pela então Frente de Contato Rio Purus. Esse trabalho foi fundamental para assegurar a sobrevivência dos últimos remanescentes do povo Juma (que vinha sendo massacrado ao longo de décadas) e para a proteção dos isolados Hi-Merimã, cuja terra indígena seria regularizada posteriormente, em 2005. Apesar dos avanços mencionados, a Funai permaneceu com recursos humanos e estrutura mínimos para atuar na extensa e complexa região do Médio Purus ao longo das décadas de 1980-90 e início dos anos 2000.

7. Conforme indicado no *Levantamento Etnoecológico das Terras Indígenas do Complexo Médio Purus II – Paumari do Lago Marahã, Paumari do Rio Ituxi e Jarawara/Jamamadi/Kanamati* (Funai/PPTAL/GTZ, 2008).

Após curto período de existência, a Frente de Contato Rio Purus foi desativada – embora tenha sido renomeada para Frente de Proteção Etnoambiental Rio Purus em 2000⁸, no ano seguinte já não constava na relação de frentes ativas do órgão indigenista.

A reativação da Frente Purus teve início em 2004, mediante um acordo de cooperação técnica entre o CTI e a Funai que possibilitou o apoio financeiro da Fundação Gordon e Betty Moore a atividades voltadas à proteção de povos indígenas isolados e de recente contato na região. Em 2007 foram retomadas ações permanentes com foco prioritário na proteção dos isolados Hi Merimã e dos Suruwaha de recente contato. Entre 2008 e 2011, esse apoio do CTI foi reforçado por meio de projeto que contou com o apoio financeiro da Usaid. Em 2010, a Funai criou a Frente de Proteção Etnoambiental Madeira, responsável pela localização de registros situados no norte de Rondônia e Sul do Amazonas. Em 2014 a FPE Madeira foi incorporada à FPE Purus, que passou a se designar Frente de Proteção Etnoambiental Madeira-Purus. Além desta FPE, a partir de 2010 a estrutura da Funai na região foi reforçada com a criação das coordenações regionais Médio Purus (sediada em Lábrea-AM) e Madeira (sediada em Humaitá-AM).

Contudo, a atuação da Funai vem sendo impactada por sucessivos cortes orçamentários, quadro deficitário de recursos humanos e pressões políticas, sobretudo nos últimos dois anos, o que têm dificultado o cumprimento de sua missão institucional frente às ameaças, pressões e desafios que caracterizam o atual contexto regional.



1. Atxu, membro de um grupo de dez Hi Merimã que estabeleceu contato com ribeirinhos em 1986. Seis membros do grupo morreram nos meses seguintes ao contato e as quatro crianças sobreviventes foram adotadas por ribeirinhos. Atxu auxiliou os trabalhos de localização dos Hi Merimã realizados pela antiga Frente de Contato Rio Purus, da Funai. Fotos extraídas do filme “Isolados no Purus” (1991, disponível no endereço <https://cutt.ly/Za24urA>).

2. Atxu Hi Merimã e o indigenista da Funai Adolpho Kilian, que coordenava a Frente de Contato Rio Purus, observam vestígios dos Hi Merimã isolados. Foto extraída do filme “Isolados no Purus” (1991, disponível no endereço <https://cutt.ly/Za24urA>).

3. Sobreviventes do povo Juma em registro realizado pela Frente de Contato Rio Purus/Funai no início da década de 1990. Fotos extraídas do filme “Isolados no Purus” (1991, disponível no endereço <https://cutt.ly/Za24urA>).

8. Portaria FUNAI nº 277, de 20 de abril de 2000.



CONTATO E AÇÃO MISSIONÁRIA: O CASO SURUWAHA

Com a quebra dos circuitos indígenas regionais provocada pelo avanço extrativista no início do século XX, os Suruwaha se refugiaram em áreas de seu território mais distantes das principais rotas fluviais controladas pelos extrativistas e mantiveram-se em situação de isolamento entre as décadas de 1930-80. Esse isolamento foi quebrado entre 1978 e 1980, quando expedições de sorveiros nas bacias do Tapauá e Cuniuá realizaram contatos tensos com os Suruwahá e atingiram suas áreas residenciais.

Diante dessa situação, em 1980 uma equipe da Prelazia de Lábrea e do Cimi estabelece contato com os indígenas e inicia uma série de ações protecionistas. A partir de 1984, tem início o “Projeto Zuruahã”, realizado pelo Cimi em colaboração com a Opan. A atuação conjunta dessas instituições junto aos Suruwaha durou até 1996.

A atuação da Funai teve início em 1983, com a realização da “Operação Coxodoá”, que teve o objetivo de efetivar o “contato oficial” com esse povos indígena. No mesmo ano foi instituído o GT de identificação da TI Zuruahã, que viria a ser homologada em 1988. No marco da colaboração havida entre indigenismo de Estado e missões evangélicas em décadas passadas, em 1984 a Funai introduziu missionários da Jocum (Jovens Com Uma Missão) no território Suruwaha.

Perante a omissão das instituições governamentais, que estiveram ausentes do território desde a demarcação até os anos 2000, a Jocum atuou junto aos Suruwaha com o propósito de evangelizá-los, utilizando o aprendizado e estudo da língua e a assistência sanitária como principal meio para essa finalidade. Sua ação proselitista era realizada abertamente por equipes de pastores, através de intervenções rituais, exorcismos e liturgias cristãs. As atividades missionárias também envolveram tentativas de formar pastores indígenas e de implantar um programa escolar de alfabetização escolar (que fracassou diante da falta de interesse dos Suruwaha pelo aprendizado do português e pelas crônicas bíblicas).

No ano de 2003, o Ministério Público Federal determinou a suspensão de todas as atividades missionárias e a retirada de não indígenas da TI Zuruahã, determinando que a Funai e a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) assumissem suas responsabilidades no trabalho indigenista e no atendimento



Família
Suruwahá
em pescaria.

à saúde, respectivamente. A implementação de um programa efetivo em área, com equipe de indigenistas da Funai em campo e com infraestrutura adequada, somente se efetivou entre 2007 e 2008. Desde então, as ações de proteção e promoção dos direitos do povo Suruwaha são realizadas pela Frente de Proteção Etnoambiental, sob coordenação da CGIIIRC/Funai.

Impossibilitados de ingressar na TI Zuruahã, os missionários da Jocum inauguraram uma nova estratégia em escala nacional – que perdura até hoje –, focada principalmente na criminalização de práticas denominadas de “infanticídio”. Promoveram a remoção de indígenas a Porto Velho e Brasília, conseguiram a adoção legal de crianças suruwaha e criaram a ONG Atini – Voz pela Vida, que promove campanhas, vídeos e articulações com a bancada evangélica no Congresso Nacional⁹.

9. Um dos resultados do lobby da Jocum junto à bancada evangélica foi a elaboração do Projeto de Lei nº 1057/2007, conhecido como “Lei Muwaji”. O nome faz alusão à família de Uniawa (também chamada de Muwaji) mulher suruwaha que acabou estabelecendo-se em Brasília com seus filhos Igianani (diagnosticada com paralisia cerebral) e Ahuhuari – e, durante um tempo, com seu irmão Zumari. A problemática específica que envolvia a família de Muwaji foi usada como álibi da Jocum, gerando impasses que se prolongam até hoje. O PL 1057/2007 foi aprovado na Câmara dos Deputados no dia 26 de agosto de 2015 e aguarda tramitação no Senado. Outro caso que gerou repercussão foi a produção do filme Hakani (2008), que pode ser considerada uma das medidas mais extremas e agressivas que a Jocum desenvolveu nesta campanha de estigmatização dos Suruwaha e dos povos indígenas no Brasil.

PRINCIPAIS ATIVIDADES

A partir de definição conjunta com a Funai, organizações indígenas e parceiros locais, a interlocução com povos e populações vizinhas aos territórios de indígenas isolados nessa extensa região teve como recorte prioritário a parte do entorno da TI Hi Merimã compreendida pelas TIs Jarawara/Jamamadi/Kanamati e Banawá, no Médio Purus. Além da contiguidade territorial entre essas TIs, os Jamamadi, Banawa e Jarawara têm relações históricas com os Hi-Merimã e, sobretudo no caso dos Jamamadi, compartilham com eles importantes aspectos de sua organização social, cultura e cosmologia.

Para além desse recorte prioritário, um conjunto amplo de atividades envolveu diversos povos, terras indígenas e registros sobre a presença de isolados na região do Médio Purus-Madeira:

- apoio a expedições da Funai para a localização e monitoramento de indígenas isolados;
- levantamento e sistematização de informações sobre a presença de indígenas isolados, ameaças e pressões sobre seus territórios e dinâmicas de compartilhamento/vizinhança territorial com outros povos;
- elaboração de estudos técnicos para subsidiar o trabalho de proteção e promoção dos direitos de povos indígenas isolados e de recente contato;
- apoio a iniciativas indígenas de monitoramento territorial;
- realização de oficinas temáticas junto aos povos e comunidades do entorno de territórios de indígenas isolados e de recente contato e a promoção do debate sobre a sua proteção em diferentes espaços (encontros, assembleias, intercâmbios, reuniões);
- realização de oficinas temáticas voltadas à formação da equipe da FPEMP/Funai;
- assessoria a organizações indígenas.

A seguir são apresentadas informações sobre algumas dessas atividades.

As ações proporcionaram a qualificação de informações sobre o histórico de ocupação indígena e as relações entre os Hi-Merimã em isolamento e povos vizinhos, no passado e no presente. Também foram apoiadas iniciativas de vigilância e monitoramento territorial das comunidades vizinhas à TI Hi Merimã que colaboram para a proteção dos isolados.

PLANEJAMENTO CONJUNTO

As ações na região tiveram início com uma rodada de planejamento que envolveu representantes da Funai (FPEMP, Coordenação Regional Médio Purus e Coordenações Técnicas Locais), de comunidades e organizações indígenas e parceiros locais. Essa metodologia de planejamento e avaliação foi mantida nos anos seguintes, propiciando participação dos principais atores envolvidos nas ações, além de maior sinergia entre iniciativas promovidas por diferentes instituições. No primeiro ano do projeto, o apoio e assessoria técnica às etapas locais da I Conferência Nacional de Política Indigenista também contribuíram para a definição conjunta de prioridades e o estreitamento da relação com os povos indígenas do Médio Purus. As atividades foram realizadas em estreita parceria com a Funai (FPEMP e CR Médio Purus) e com a Federação das Organizações Indígenas do Médio Purus (Focimp).

Em oficinas realizadas na Base de Proteção Etnoambiental Canuaru (da FPEMP/Funai) em aldeias Jamamadi, Jarawara e Banawá, foram levantadas as principais demandas comunitárias e informações sobre ameaças e vulnerabilidades territoriais. Algumas das atividades envolveram também ribeirinhos da Resex Médio Purus, que faz limite com as TIs Jarawara/Jamamadi/Kanamati e Hi-Merimã. Uma das principais demandas apresentadas foi o apoio a iniciativas comunitárias de monitoramento territorial e vigilância.

Dentre os tópicos relacionados a esse tema, foram destacados a necessidade de assessoria e formação no uso de novas tecnologias, em aspectos da legislação, formas de abordagem no trabalho de monitoramento e o fortalecimento dos canais de diálogo e de articulação com a Funai e outros órgãos responsáveis pela fiscalização de terras indígenas e unidades de conservação na região.

Por um lado, essas atividades possibilitaram a identificação e mapeamento das principais pressões, a definição de áreas prioritárias e a construção de estratégias de monitoramento territorial específicas a cada contexto, que colaborassem com a proteção da TI Hi-Merimã e dialogassem com as ações da FPEMP/Funai. Por outro lado, proporcionaram a qualificação de informações sobre o histórico de ocupação indígena e as relações entre os Hi-Merimã em isolamento e povos vizinhos, no passado e no presente. Este ponto foi aprofundado em outras ações, como a Oficina Hi-Merimã e a elaboração de diagnóstico antropológico sobre este povo, que contaram com a participação e colaboração de lideranças banawa e jamamadi.

No que diz respeito às informações sobre a presença de indígenas isolados na bacia do Madeira, o projeto apoiou expedições de localização da Funai e proporcionou a elaboração de estudos técnicos e a participação de indígenas nestas atividades.

Oficinas de construção dos planos de vigilância dos povos Banawá, Jamamadi e Jarawara.



MONITORAMENTO TERRITORIAL INDÍGENA

Após a identificação das demandas dos povos e comunidades indígenas vizinhos dos Hi-Merimã e pactuação de prioridades, foram realizadas oficinas temáticas sobre monitoramento territorial indígena e vigilância. Além de moradores das aldeias, algumas das atividades contaram com a participação de lideranças indígenas de outros povos da região, de extrativistas da Resex Médio Purus, de servidores da Funai e de membros de instituições parceiras.

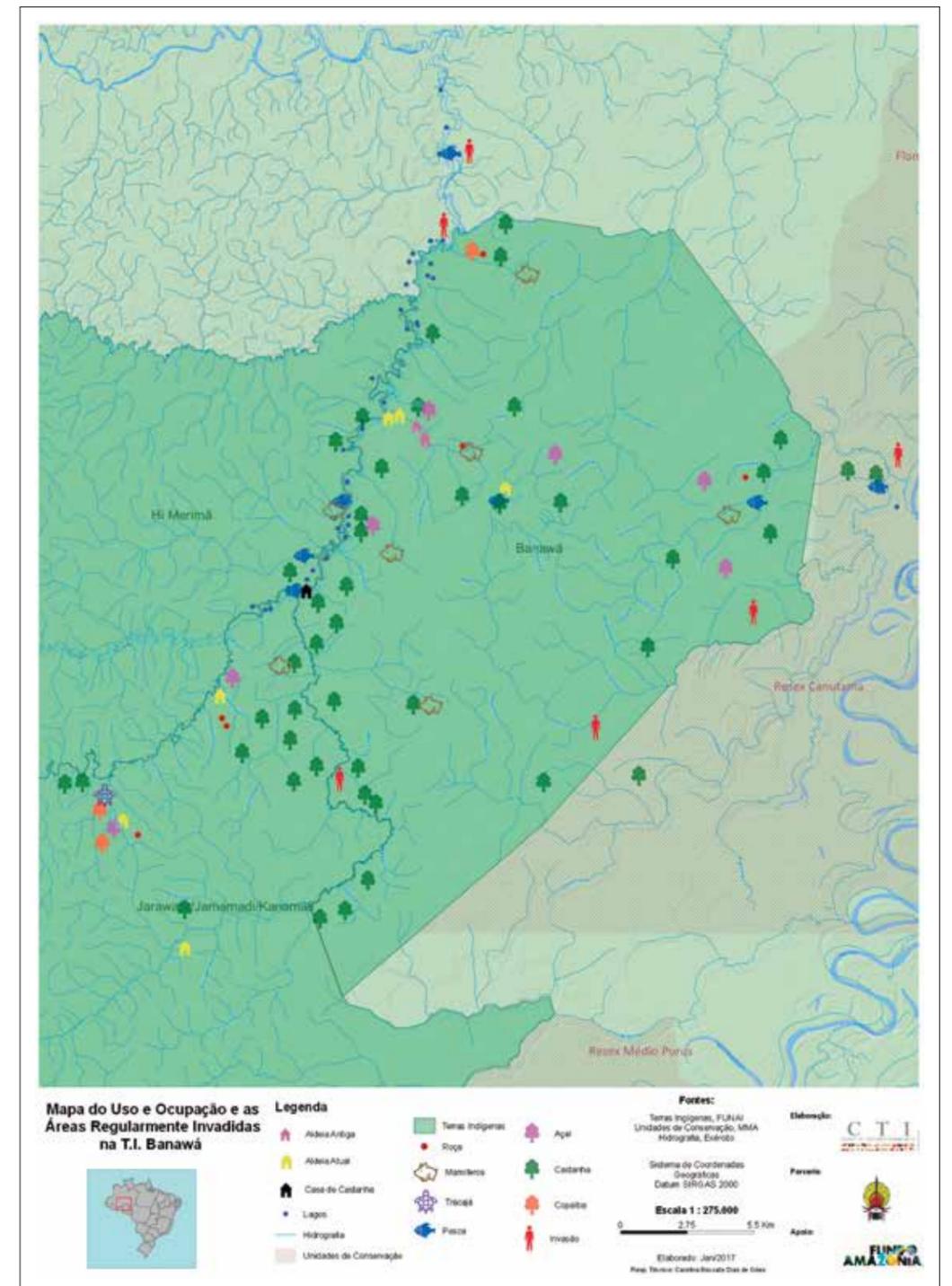
As ações buscaram dar continuidade a iniciativas prévias do CTI voltadas à proteção de povos indígenas isolados na região (no âmbito de projeto realizado também em cooperação técnica com a Funai entre 2008 e 2011, mencionado anteriormente) e dialogar com iniciativas de outras instituições – como o processo de construção do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) Jamamadi, realizado por este com apoio da Opan em anos anteriores; e a construção do PGTA Jarawara, promovida pela CR-Médio Purus/Funai.

Por meio de mapeamentos participativos nas aldeias, foram levantadas e atualizadas informações sobre o uso do território, vulnerabilidades territoriais, invasões e o compartilhamento territorial com os isolados Hi-Merimã. As oficinas também proporcionaram a discussão sobre políticas públicas, como ‘proteção’, ‘vigilância’, ‘fiscalização’, ‘demarcação’, ‘monitoramento’ e ‘gestão territorial’, e em que medida eles dialogam com as territorialidades dos povos Jarawara, Jamamadi e Banawá.

Estes momentos propiciaram reflexões sobre diferenças de entendimento a respeito do isolamento, de questões-chave relacionadas à proteção territorial, bem como do papel e atuação de órgãos de Estado, das comunidades e associações indígenas e de organizações da sociedade civil. A partir dessas discussões, foram abordados marcos legais e outros aspectos relacionados à proteção das terras indígenas, em interface com a política de proteção de povos indígenas isolados.

Parte das atividades consistiu na realização de exercícios práticos com ferramentas de registro (GPS, câmeras fotográficas/filmadoras, gravadores). Com base em casos concretos apresentados pelos participantes, foram simuladas situações como a constatação de atividade de pesca e caça ilegais e o encontro de vestígios de isolados.

Essas atividades possibilitaram elaborar propostas sobre medidas a serem adotadas pelas comunidades e o fluxo de comunicação com a Funai nessas situações, dentre outras ações voltadas ao fortalecimento de estratégias de gestão territorial das comunidades que contribuem para a proteção dos Hi-Merimã. O ciclo de oficinas realizadas nas comunidades Banawá, Jamamadi e Jarawara teve como principal encaminhamento a construção e o apoio à implementação de planos de vigilância dos povos Banawá, Jamamadi e Jarawara.



Mapa construído com os Banawa sobre ocupação do território e áreas da TI Banawa frequentemente invadidas para a exploração de seus recursos

PLANOS DE VIGILÂNCIA

Como resultado das oficinas realizadas ao longo de 2015 e 2016, em 2017 o projeto apoiou a elaboração e implementação de planos de vigilância Banawá, Jamamadi e Jarawara, em diálogo e articulação com as ações da FPEMP/Funai. O objetivo dos planos foi a pactuação de estratégias e ações para a proteção das TIs Banawá e Jarawara/Jamamadi/Kanamati, contribuindo, consequentemente, para a proteção territorial dos Hi-Merimã em isolamento.

Na TI Banawá, além do levantamento de informações sobre o uso histórico e atual de áreas da TI Hi Merimã no limite constituído pelo rio Piranha e da formação de indígenas, as atividades envolveram a aquisição de equipamentos para atividades de vigilância e o apoio à mobilização dos Banawá para a construção de Casas de Vigilância – uma delas, no igarapé Quaru, servindo também de local para armazenamento de castanha, de modo a vincular a vigilância territorial com as atividades de coleta desse recurso. Também foram mapeados locais e rotas estratégicos para a proteção territorial e o manejo da castanha. Os castanhais do sudeste da TI Banawá sofrem frequentes invasões, principalmente na região do igarapé Quaru. Há muitos anos o roubo de castanha por extrativistas de Canutama e das comunidades ribeirinhas do Purus origina tensão entre os Banawa e os invasores – historicamente, a relação com o extrativismo do Purus foi mais convulsa do que a relação com o extrativismo dos rios Piranha e Cuniuá.

Na TI Jarawara/Jamamadi/Kanamati, a pactuação envolveu o apoio à mobilização de indígenas para a construção de casa de vigilância no igarapé Pauzinho, a aquisição de equipamentos para as atividades de vigilância e a articulação com o trabalho vigilância realizado pela FPEMP/Funai a partir da Base Canuaru. A indicação, pelos Jamamadi, de nomes para compor o cronograma de escala de colaboradores indígenas desta base de proteção etnoambiental e o planejamento das ações de vigilância foram algumas das questões tratadas. Em um contexto de iminente fechamento da Base Canuaru em razão de cortes orçamentários sofridos pela Funai, o processo de construção e pactuação do plano de vigilância Jamamadi foi fundamental para que a Funai conseguisse assegurar a continuidade das ações realizadas a partir desta Base, em cooperação com os Jamamadi.

Durante as atividades, os Jarawara, Jamamadi e Banawa também relataram inúmeros casos de invasão das terras indígenas. O levantamento dessas informações possibilitou a atualização do quadro de pressões enfrentadas por esses povos, contribuindo para o desenho das estratégias para a proteção de seus territórios e dos Hi Merimã em isolamento.

O processo de construção dos planos de vigilância também envolveu atividades de reforço no uso de ferramentas de registro, a simulação de ações de vigilância e respectivos encaminhamentos a serem adotados em cada caso, conforme pactuações prévias – como, por exemplo, a constatação de pesca ilegal no igarapé Canuaru (que constitui um dos limites entre a Resex Médio Purus e as TIs Hi Merimã e Jarawara/Jamamadi/Kanamati); de caça ilegal nas TIs; encontro com os Hi Merimã dentro da TI Jarawara/Jamamadi/Kanamati; extração ilegal de madeira por indígenas, dentre outras possíveis ocorrências.

As ações realizadas ao longo do projeto possibilitaram a construção e estruturação das casas e flutuantes de vigilância do igarapé Pauzinho (Jamamadi), furo do Taunã e boca do igarapé Preto (Jarawara), igarapés São José e Quaru (Banawa); a formação de indígenas em tecnologias voltadas ao registro de invasões; a realização



Curso de vigilância com o povo Jarawara, em parceria com a Funai e Focimp.



de acordos internos às comunidades sobre a dinâmica de trabalho das equipes indígenas de vigilância e o uso de equipamentos e insumos, e também de acordos relacionados ao fluxo de comunicação entre estas equipes de vigilância e a Funai.

Ao término do projeto, foi realizado um encontro entre representantes das comunidades indígenas, da Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus (Focimp), da Funai e de instituições parceiras para a apresentação e avaliação dos resultados alcançados. Durante o evento também foram propostos e pactuados encaminhamentos visando à continuidade das ações de vigilância e monitoramento territorial nos rios Mamoriazinho e Curiá, no paraná Cainã e igarapé Quaru, bem como a replicação da estratégia construída ao longo do projeto em outras áreas, a partir de demandas apresentadas por outras comunidades - como os Apurinã no igarapé Grande.



COMPARTILHAMENTO TERRITORIAL

As oficinas temáticas junto aos povos e comunidades do entorno de territórios de indígenas isolados e de recente contato e a promoção do debate sobre a sua proteção em diferentes espaços (encontros, assembleias, intercâmbios, reuniões) proporcionaram momentos privilegiados de reflexão e diálogo sobre o isolamento, as relações entre esses povos no passado e no presente, a atuação da FPEMP/Funai e a política indigenista.

O histórico da relação entre a FPEMP/Funai e os Jamamadi e Banawa é permeado por tensionamentos e desconfianças mútuas. Conforme apontado anteriormente, as relações imbricadas entre os povos madi do Médio Purus são um elemento central para a proteção dos Hi Merimã. A instalação das bases de proteção etnoambiental Canuaru e Piranha e a forma como a Frente passou a exercer o controle de acesso à TI Hi Merimã nesses dois rios se deram de maneira impositiva segundo muitos Jamamadi e Banawa, ao considera-los como um empecilho ou mesmo ameaça – e não vizinhos aliados – à proteção dos isolados. Os Banawa afirmam com veemência a sua autonomia no controle territorial do rio Piranha, e parte da TI Hi Merimã é também de uso tradicional dos Jamamadi, onde realizam a coleta de óleo de copaíba e expedições de caça.

O diálogo escasso e o não compartilhamento das informações obtidas nas expedições de monitoramento e atividades de vigilância da Funai os mantiveram por muito tempo afastados da atuação do órgão e de seus propósitos. A desconfiança foi reforçada pela presença de missionários junto aos Jamamadi e Banawa, desqualificando o trabalho da Funai e incentivando o contato com os Hi Merimã – em 1995, uma equipe da Funai chegou a interromper uma expedição ilegal realizada por missionários da Jocum na região do rio Branco com o objetivo de contatar e evangelizar os Hi Merimã; em finais de 2018, nova investida de missionário sobre a TI Hi Merimã levou a Funai a acionar a Polícia Federal e o Ministério Público.

A compartimentação da atuação da Funai é outro elemento que contribuiu para alimentar o distanciamento das comunidades do entorno em relação à política e às ações voltadas à proteção dos isolados até recentemente. Se por um lado a FPEMP é a unidade do órgão com presença mais constante e de maior proximidade com estas comunidades, por outro verifica-se certa indiferença em relação às demandas delas quando não incluem diretamente os isolados, por não se enquadrarem no foco de atuação específico da Frente – situação, aliás, que é recorrente em outros contextos de compartilhamento territorial entre isolados e “contatados” para além do Médio Purus.

Esses ruídos que atravessaram a relação entre a Frente de Proteção Etnoambiental e os povos e comunidades vizinhos também impediram por muito tempo uma discussão qualificada a respeito das diferentes perspectivas e entendimentos sobre o isolamento dos Hi Merimã. Alguns Jamamadi, por exemplo, questionam de forma mais ou menos assertiva a política da Funai de não fazer o contato com os Hi-Merimã. Diversos fatores embasam esse posicionamento. Um deles, já mencionado, é a duradoura presença missionária, cujo proselitismo estimula o contato. No entanto, há outros aspectos não tão evidentes que contribuem pra isso. A interrupção abrupta da outrora intensa circulação de pessoas entre os grupos madi, expressa nos laços de parentesco, no xamanismo e em práticas rituais comuns, é considerada com pesar pelos Jamamadi. Findada a época dos conflitos intensos e das epidemias, causas decisivas das migrações do passado,

os Jamamadi argumentam que não haveria motivos atualmente para prosseguir os incessantes deslocamentos. Além disso, a evitação do contato é também tomada como a reafirmação da moralidade característica dos brancos, cujo traço maior seria a avareza, expressa na recusa em compartilhar as tecnologias que somente eles detêm.

Um dos principais resultados do projeto no Médio Purus foi justamente contribuir para reverter esse cenário, facilitando o diálogo e abrindo canais de colaboração entre a FPEMP/Funai, os Banawa, Jamamadi e Jarawara, e também as organizações indígenas. Em seu conjunto, as diversas atividades realizadas possibilitaram uma melhor compreensão das relações entre esses povos e os Hi Merimã, o debate sobre as diferentes perspectivas em relação ao isolamento e a socialização de informações sobre as expedições e demais ações de monitoramento dos Hi Merimã realizadas pela Funai. Também proporcionaram maior participação dos indígenas nas ações desenvolvidas pela Frente e o fortalecimento do seu protagonismo na proteção de seus territórios e dos povos indígenas isolados.

Para José Raimundo Pereira Lima, mais conhecido como Zé Bajaga Apurinã, ex-coordenador da Federação das Organizações Indígenas do Médio Purus (Focimp) e liderança da aldeia Idecorá (TI Caititu):

Quando temos povos que compartilham um mesmo território, que vivem se topando e isso não traz nenhum transtorno, não há porque sufocar essas trocas. Vemos claramente que a maior ameaça aqui na região é a extração dos recursos naturais de nossos territórios pelos não indígenas. O desafio é fazer com que as pessoas que vêm de fora entendam isso. Elas devem aprender sobre como vivemos, nosso cotidiano, não chegar achando que sabem tudo. Nós, que estamos no entorno [dos territórios de povos isolados], não somos ameaça, nós colaboramos para que as pessoas de fora não adentrem o território e façam coisas que vão agredir a todos os povos que vivem ali. Quando fazemos do nosso jeito, há um equilíbrio”.

JOSÉ RAIMUNDO PEREIRA LIMA, mais conhecido como Zé Bajaga Apurinã, ex-coordenador da Federação das Organizações Indígenas do Médio Purus (Focimp) e liderança da aldeia Idecorá (TI Caititu)



ENCONTRO HI MERIMÃ

Um dos momentos de destaque do projeto no Médio Purus foi o encontro Diálogos sobre isolamento e contato: os Hi Merimã e os povos do seu entorno, realizado na Base Rio Piranhas, da FPEMP/Funai. O evento reuniu indígenas Banawa, Jamamadi e, em menor escala, também alguns Jarawara, Paumari e Apurinã, além de membros das equipes da FPEMP/Funai, do CTI e antropólogos que desenvolvem pesquisas etnográficas com os povos indígenas vizinhos dos Hi Merimã. A atividade propiciou um reencontro significativo entre os próprios Banawa e os Jamamadi, povos que têm profundos laços de intercâmbio social, político e ritual, e que tiveram a oportunidade de relembrar e refletir sobre as suas trajetórias e suas visões sobre a vida dos Hi Merimã.

Para o antropólogo Miguel Aparício, que trabalha há décadas com os povos indígenas no Médio Purus, o encontro “foi um momento raro nas agendas indigenistas, em que a pauta não apareceu dominada pelos lugares-comuns do âmbito das políticas públicas, com sua linguagem e burocracia frequentemente estranhas ao cotidiano das aldeias”. As lideranças tradicionais, velhos especialistas locais, marcaram seu protagonismo e colocaram em destaque suas lembranças e experiências, as mitologias e narrativas que constroem a memória coletiva banawa e jamamadi.

A escolha do local do encontro – dentro da terra indígena, porém fora das aldeias – também possibilitou que, além dos caciques e das lideranças, pessoas menos afeitas e estimuladas a frequentar reuniões pudessem participar, como os rapazes e moças jovens. Nesse sentido, o evento também proporcionou um rico processo de transmissão desses conhecimentos aos jovens, que desconheciam a maioria das narrativas contadas (esse processo de esquecimento tem relação direta com a presença missionária).

A apresentação de informações sobre os Hi Merimã pela Funai e sobre o trabalho desenvolvido pela FPEMP estimulou o entusiasmo e o interesse indígenas, tornando o diálogo muito mais aberto e denso. O interesse em participar de maneira mais efetiva das atividades de vigilância realizadas pelo órgão indigenista em seus territórios foi outro ponto de confluência. Mesmo questões mais sensíveis, como o uso de recursos em áreas compartilhadas com os isolados e desacordos em relação ao isolamento puderam ser expostas e debatidas. O encontro contribuiu, em suma, para dissipar antigos desentendimentos e tensões, e para a construção de um diálogo pautado no reconhecimento da autonomia e da importância das pautas específicas dos povos vizinhos dos Hi Merimã, fundamental para o êxito de sua proteção no contexto do Médio Purus.

📌 O encontro contribuiu para dissipar antigos desentendimentos e tensões com a FPEMP/Funai, e para a construção de um diálogo pautado no reconhecimento da autonomia e da importância das pautas específicas dos povos vizinhos dos Hi Merimã, fundamental para o êxito de sua proteção no contexto do Médio Purus.



RELATOS SOBRE OS HI MERIMÃ

Durante as oficinas, encontros e outras atividades realizadas ao longo do projeto, diversos relatos sobre os Hi Merimã evidenciavam as relações entre este povo em isolamento e seus vizinhos, sobretudo Jamamadi e Banawa. Essas narrativas permitem conhecer um pouco dessa história e reconstituir fragmentos das trajetórias marcadas por visitas, encontros, trocas, conflitos, relações de parentesco e diversos elementos que conectam o passado e o presente dos povos madi no Médio Purus. A seguir são apresentados pequenos trechos de alguns desses relatos.

JOSÉ JAMAMADI, da aldeia Kosi, relatou um encontro que ocorrera alguns anos atrás com os Hi-Merimã em um igarapé afluente do Canuaru. Ele estava na companhia de seu sobrinho Eduardo, ambos estavam olhando as folhas das copaíbas quando ouviram um canto. Seguindo na direção da música, avistaram um grupo de mulheres num grande acampamento: umas se balançavam em suas maqueiras [redes], outras cozinhavam patauá. De acordo com sua descrição, elas eram baixinhas, de pele alva e com a franja do cabelo bem cortada. Após deixarem suas armas, os dois foram na direção do grupo. A princípio, apenas gesticularam, em seguida passaram a conversar com elas e conseguiram compreendê-las. Como estavam com fome, apontaram para suas barrigas e pediram um pouco do patauá que elas estavam preparando numa panela de barro. As mulheres pediram os terçados que eles levavam. Seu sobrinho aproveitou para pedir a preguiça que uma das mulheres criava, porém, ela se recusou a entregá-la. José conta que seu coração bateu forte quando uma das mulheres pegou na sua mão e olhou detidamente para seu corpo, como se estivesse inspecionando. Além do patauá que elas pilaram, as mulheres também ofereceram carne de macaco moqueada. *“Onde estão os maridos de vocês?”*, eles queriam saber. Elas explicaram que os homens haviam saído para colocar timbó no igarapé, mas que no final do dia estariam de volta. José e Eduardo prometeram retornar no dia seguinte para encontrá-los. Ele fez um gesto indicando a posição em que o sol estaria quando retornassem e as mulheres compreenderam. Ao chegarem no acampamento, José e Eduardo contaram para os outros companheiros Jamamadi sobre o encontro. No dia seguinte, bem cedo, todos eles partiram rumo ao acampamento dos Hi-Merimã. Não havia mais ninguém quando chegaram, somente uma panela de barro com patauá e um moquém com um pouco de carne. Eles imaginaram que a comida havia sido deixada para eles, porém, eles não comeram com medo de que houvesse veneno.

TATI JAMAMADI, da aldeia Kosi, conta que estava em um igarapé afluente do Canuaru com Mateo e Eduardo pescando quando seu cachorro sentiu cheiro

de queixada e correu. Seguindo o cachorro, eles acabaram encontrando um acampamento hi-merimã e o queixada era um dos animais que eles criavam. Os homens eram grandes e estavam todos com suas flechas, por isso, os Jamamadi resolveram afastar-se o mais rápido possível sem chamar a atenção deles. No dia seguinte, contudo, resolveram voltar, mas só encontraram duas mulheres no acampamento. Elas abraçaram Tati. Eles deram seus terçados de presente, as ensinaram como manejá-los e como afiá-los com a lima. Em troca, as mulheres Hi-Merimã deram panelas de barro para eles. Até recentemente, Tati conta, era muito comum encontrar acampamentos e vestígios da passagem dos Hi-Merimã nessa região.

SALGADO JAMAMADI, que já trabalhou como colaborador da FPEMP/Funai, contou que uma vez, andando na mata, viu um acampamento dos isolados com panela de barro, e que Bido Banawa, quando trabalhava com Rieli (Franciscato, sertanista da Funai que coordenou a antiga Frente de Contato Purus), também já achou cemitério dos Hi Merimã com muita panela em cima, sabendo assim que se tratava de uma mulher enterrada. *“Quando morre um homem, são colocadas coisas de homem, como arco e flechas, por exemplo”*. Outro relato de Salgado descreveu um encontro com os Hi Merimã: *“Há três anos os Hi Merimã entraram na terra jamamadi, na aldeia Niterói, e comeram farinha por lá. Eram dois homens, jovens, com cabelo de cuia. Foram entregues a ele botas e terçados. Naquele tempo a aldeia era só roçado e os Hi Merimã comeram todas as goiabas. Os Jamamadi foram no caminho deles, tentaram amansar, mas eles foram embora”*. Salgado disse ainda que ouviu um pouco do que eles falavam e que a língua era parecida com a Jamamadi. O encontro aconteceu próximo à cabeceira do rio Piranha, onde o Bido já encontrou flechas deles.

De acordo com **GASPARINO JAMAMADI**, os Hi Merimã comiam todo tipo de bicho. Eles são pajés fortes, brigavam muito e tinham grandes roçados. A fuga dos Hi Merimã teria sido resultado de um conflito com os Apurinã no Mamoriazinho. Na época em que os seus avós eram vivos, os Hi Merimã iam com grande frequência visitar as aldeias Wayafi e Jamamadi, mas não as Jarawara. Uma anedota narrada por Gasparino, cujos pais eram Wayafi, revela tanto a proximidade quanto a diferença entre os Hi-Merimã e os Wayafi: *“Papai, Kao, encontrou com um conhecido Hi-Merimã, isso aconteceu quando eles moravam lá no Apaha [afluente do Mamoriazinho]. Naquela época, eles faziam grandes roçados e plantavam os mesmos yamata [cultivares agrícolas]. Papai não compreendia muito bem a língua do companheiro dele, que era um bocado diferente. Eles foram juntos para o roçado para tirar pupunha madura, então, o Hi-*

Merimã olhou para o papai e falou assim para ele: 'tosi, tosi!'. Ele não entendeu o que o Hi-Merimã queria porque 'tosi' para os Wayafi é o movimento que as pessoas fazem na dança [balançando o corpo de um lado para o outro]. Como o companheiro dele insistia, papai começou a dançar, mexendo o quadril do jeito que as pessoas fazem no ritual ayaka. Ele não entendeu, mas achou que o companheiro queria fazer festa. O Hi-Merimã começou a rir muito! Ele só estava pedindo uma vara, que nós chamamos awa, e que na língua dele é tosi, para poder tirar a pupunha madura."

BADÁ JAMAMADI, da aldeia São Francisco, conta que "os índios isolados não ficam parados. Eles andam para todos os lugares por não encontrarem comida fácil", diz Badá. Por causa disso, acabam obrigados a andar constantemente. Nas palavras do antigo cacique: "nos igarapés, eles param para pescar e moquear peixes. Esse é o trabalho deles, andar para procurar comida. As pessoas, hoje em dia, não tem o mesmo conhecimento do mato, elas não sabem o que podem comer. Já os isolados comem yamo, kenero, taiya, kiya, soba, mafiyu, bocawa [bacaba], hawa [patauá], movi [castanha]. As pessoas têm medo de comer as frutas por não conhecer. Eles [isolados] andam por todo território e conhecem tudo".

BIDO BANAWA, uma das principais lideranças desse povo, narrou um encontro que teve com alguns Hi Merimã quando o patrão Firmino Cunha os levou para seu barracão no Palhalzinho: "Os Hi Merimã apareceram faz tempo. Primeiro nós trabalhávamos na casa de Bernaldo, de Firmino [Firmino Cunha foi o principal patrão no rio Piranha entre as décadas de 1950-70; Bernaldo era seu filho]. Os Hi Merimã vararam no igarapé da Panela. Vararam atravessando o igarapé do Gato, vai varar no rio Branco. Firmino era patrão, nós trabalhávamos com ele. Mandaram nós, Carlos, meu irmão. (...) O patrão foi com Manoel Machado Paumari, Raimundo Pirau Paumari, Firmino patrão, meu irmão Baka do Banawa foi também. Eram quatro. Foram lá, dormiram lá. De manhã eles subiram, às oito horas encontraram os Hi Merimã à beira do rio Branco, na praia mesmo. (...) Chamaram, pegaram lá, os trouxeram.

– Como é seu nome, na sua língua?

– Meu nome é Sussu [– respondeu o Hi Merimã]. (...)

– Nós te levamos na canoa, cabe. Embarca tua mulher, embarca teu pessoal todinho. Tu não tens companheiro para cima, não? [– perguntou Firmino.]

– Não, só tem no alto Piranhas... Tem muito no alto do Piranhas. Eu só vim mesmo espiar o mato. Nós queríamos voltar de novo e encontraremos vocês.

– Está bom. Outro verão eu te levo ao alto Piranhas para procurar teus parentes – Firmino falou.

Trouxeram. Baixaram, baixaram. (...) Às cinco horas chegaram ao Palhalzinho, acima da boca do rio Branco, chegaram lá. (...) A mulher do patrão,

Melina, nos chamou. (...):

– Bido, o patrão está chamando! Firmino trouxe parentes de vocês, Hi Merimã. Firmino trouxe outros índios! Ele está chamando para vocês conversarem com eles. Deixe as manivas, não plante mais, trabalhe mais não. (...) Nós fomos lá, chegamos à barraca. (...)

– Onde moram os parentes de vocês?

– Moram longe no alto do Piranhas! Só nós oito viemos pelo mato! Atravessamos muitos igarapés para varar no rio Branco. Nós queríamos espiar o mato e viemos para cá – disse Sussu.

A conversa dele era assim como Jamamadi, meu parente, nós compreendíamos a língua deles. (...) Ficamos, passamos cinco dias no Palhalzinho. Hi Merimã queria andar no mato lá do [igarapé] Banawa. (...) Saíram todos, foram embora. As mulheres também foram embora [caçar]. Nós fomos plantar roçado. Os Hi Merimã encontraram, mataram macaco, macaco-preguiça, nós chamamos yao, flecharam yao e trouxeram. (...) Nós conversamos, comeram. Sobrou carne, guardaram. (...) Botaram a boia, tamparam a panela. Ficaram cinco dias. (...)

– Eu vou te deixar no rio Branco. Quando tu fores de novo, vais buscar teu companheiro lá. Volta no outro verão, [quando estiver] seco tu atravessas o Piranhas comigo. (...) [Tu sabes onde é a minha casa aqui no Palhalzinho. O pai de Bido é Firmino, assim é também meu nome: Firmino. O nome dele é Sawa, nós chamamos de Firmino, o meu nome é Firmino também.

Dormiram. O patrão ofereceu mercadoria dele: oito terçados, cinco machados amolados, isqueiros também. (...) Nós dormimos. Firmino os deixou no igarapé do Matrinxã, parece que acima do igarapé do Matrinxã. Voltaram. Manoel Machado foi também, os deixaram lá. Nós ficamos até que o inverno começou, até o Piranhas ficar cheio."

Embora os relatos Jarawara não indiquem relações com os Hi Merimã como as registradas entre os Banawa e Jamamadi, falam sobre a ocupação indígena da região no passado e conflitos com outros povos. Segundo **EDMAR JARAWARA**, "os Hi Merimã ficam mais perto do Piranha, os Jarawara não encontravam muito eles". Ele contou ainda que Kamiri era o nome dos Apurinã bravos, que hoje quase não existem mais, mas que guerreavam com os Wajãfi no rio Apaã. "Quando as guerras aconteciam, todos os povos se espalhavam". **MAKABI JARAWARA**, cacique da aldeia Água Branca, contou que "antigamente os povos daqui não brigavam entre si, só com os Juma. Os Jarawara não conheciam os Hi Merimã, e viviam todos espalhados pelo território, em muitas aldeias, mudando bastante de lugar. Antigamente não tinha demarcação da terra. Não tinha faca ou machado, e se usava dente de cotia. A gente se pintava de urucum, fazia roçado grande. De primeiro os Jarawara ficavam andando só na terra firme, mudando seus acampamentos. Branco também não tinha".

POVOS INDÍGENAS ISOLADOS NA BACIA DO RIO MADEIRA

Embora o recorte prioritário das ações de interlocução com povos e comunidades vizinhas de territórios de indígenas isolados tenha sido parte do entorno da TI Hi-Merimã, no Médio Purus, um conjunto de atividades do projeto foi direcionado à bacia do rio Madeira, com o intuito de contribuir para a qualificação e localização de registros de indígenas isolados nesta região. As atividades compreenderam expedições de localização realizadas pela FPEMP/Funai, a elaboração de diagnóstico sobre a presença de povos em isolamento na bacia do rio Madeira e a realização do I Encontro Kagwahiva.

QUALIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DE REGISTROS DE INDÍGENAS ISOLADOS

Das oito expedições da FPEMP/Funai realizadas no âmbito do projeto, sete foram voltadas à localização de registros de indígenas isolados na bacia do rio Madeira, contemplando os Registros CGIIRC/Funai nº 12 - Katawixi, nº 70 - Kaidjuwa, nº 75 - Rio Coti e nº 85 - Igarapé Preto. Além destas atividades de localização, foi elaborado um diagnóstico sobre a presença de indígenas em isolamento na região que corresponde à circunscrição da antiga Frente de Etnoambiental Madeira, criada em 2010 e incorporada à área de atuação da então FPE Médio Purus em 2014 – formando a FPE Madeira-Purus.

Atendendo à demanda da FPE Madeira-Purus, foram priorizados registros e relatos que se encontravam em fase inicial de qualificação e levantamento de campo, com enfoque no contexto etnográfico dos povos Kagwahiva setentrionais. Desse modo, o diagnóstico contemplou os registros nº 70 - Kaidjuwa, nº 85 - Igarapé Preto, nº 84 Manicorezinho, nº 86 - Rio Maici, nº 47 Cachoeira do Remo e nº 45 - Bom Futuro, além de dados que



sugerem a possível atualização do número de registros de isolados na região. Seu recorte geográfico abrangeu as TIs Tenharin Marmelos, Tenharin do Igarapé Preto, Pirahã, Karitiana, seu entorno e outras áreas que estão fora dos limites de terras indígenas demarcadas no sul do Amazonas e norte de Rondônia.

A elaboração do diagnóstico envolveu pesquisa de campo nos municípios de Humaitá e Porto Velho, nas aldeias na TI Tenharim Marmelos e a realização de entrevistas durante o I encontro Kagwahiva e o ritual Mbotawa realizado na aldeia Trakuá. Também envolveu a pesquisa e levantamento de documentos disponíveis em diferentes bases de dados da Funai (CGIIRC, FPEMP, CR Médio Purus, CR Madeira, Museu do Índio) e de outras instituições (Cimi, Cedi/Isa e bases internacionais das bibliotecas do Musée du Quai Branly e Musée de L'Homme provenientes das expedições do antropólogo Claude Lévi-Strauss junto aos Kagwahiva em Rondônia na década de 1930), bem como de materiais bibliográficos e do arquivo pessoal de pesquisadores que trabalham junto a povos Kagwahiva. Além da qualificação de relatos e dados sobre a presença de indígenas em isolamento, foram levantadas informações atualizadas sobre as ameaças, pressões e situação de vulnerabilidade de cada registro.

I ENCONTRO KAGWAHIVA

O I Encontro Kagwahiva foi realizado em 2018, na aldeia Marmelos, localizada na TI Tenharim Marmelos. Reuniu mais de duzentas pessoas, entre representantes e lideranças dos povos Tenharin, Jiahui, Parintintin, Juma, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna, e das seguintes organizações indígenas: Associação do Povo Indígena Tenharin Morangitã (Apitem), Associação do Povo Indígena Tenharin do Igarapé Preto (Apitipre), Associação do Povo Indígena Jiahui (Apij), Organização do Povo Indígena Parintintin do Amazonas (Opipam) e Organização dos Povos Indígenas do Alto Madeira OPIAM. Também participaram do encontro indigenistas de instituições que desenvolvem trabalhos com estes povos. Ao longo de três dias foram realizadas diversas apresentações culturais de dança e de cantos tradicionais, além da exibição de vídeos e mesas de debate sobre as principais pautas do evento.

O fortalecimento político dos povos Kagwahiva e de suas organizações, os impactos de empreendimentos e o aumento de invasões e pressões exercidas por madeireiros, garimpeiros e por outras atividades ilegais sobre seus territórios foram alguns dos temas discutidos. O encontro proporcionou a ampliação e aprofundamento do debate sobre a presença de indígenas Kagwahiva em isolamento na região, sobre os trabalhos de localização realizados pela FPEMP/Funai e a importância da parceria com os povos vizinhos para a proteção desses grupos.

SUBSÍDIOS PARA A PROTEÇÃO DE POVOS INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO NO MÉDIO PURUS - MADEIRA

Uma das ações do projeto na região Médio Purus – Madeira consistiu na elaboração de estudos técnicos para subsidiar o trabalho de proteção e promoção dos direitos de povos indígenas isolados e de recente contato realizado pela FPEMP/Funai. O escopo e objetivos dos diagnósticos foram definidos em conjunto com esta FPE, com base nas suas demandas prioritárias relacionadas à produção de conhecimento,

levantamento e sistematização de dados sobre esses povos. Produzidos por consultores técnicos especializados, os estudos constituem importante material de referência para o desenvolvimento de ações voltadas à proteção dos povos indígenas isolados e de recente contato na região.

DIAGNÓSTICO SURUWAHA

Teve como objetivo a produção de subsídios à Funai para uma atuação específica junto aos Suruwaha, levando em conta as concepções e práticas desse povo de recente contato, bem como as questões mais relevantes que marcaram seu itinerário recente, especialmente a partir do contato indigenista realizado em 1980. O diagnóstico abordou questões como a dinâmica demográfica, a economia, a cultura material, expressões estético-artísticas e as relações com os povos do entorno. Também foi traçado um perfil da atuação das agências institucionais que interviram junto aos Suruwaha (Cimi, Opan, Jocum, Funai, Sesai), acompanhado de um levantamento bibliográfico e documental exaustivo. Com base em expedições de campo e na interlocução com a Funai (FPEMP e CGIIRC) e a Sesai (DSEI Médio Purus), foram analisados elementos relacionados à situação de saúde e segurança alimentar dos Suruwahá. O estudo propõe diretrizes de atuação e identifica os principais desafios territoriais contemporâneos enfrentados pelos Suruwahá.

DIAGNÓSTICO SOBRE A PRESENÇA DE POVOS INDÍGENAS ISOLADOS NA BACIA DO RIO MADEIRA

Diagnóstico sobre a presença de indígenas em isolamento na região que corresponde à circunscrição da antiga Frente de Etnoambiental Madeira, e que hoje é parte da área de atuação da FPEMP. Voltado a subsidiar os trabalhos desta FPE na bacia do Madeira, o estudo reúne e sistematiza os dados disponíveis sobre cada registro de indígenas isolados foco do diagnóstico, obtidos em relatórios e documentos de diversas instituições, estudos antropológicos, entrevistas, dentre outras fontes. Abrange elementos históricos e antropológicos, informações sobre vulnerabilidades e pressões territoriais e apontamentos sobre a territorialidade de povos Kagwahiva.

DIAGNÓSTICO HI MERIMÃ (MÉDIO PURUS – AMAZONAS)

Diagnóstico específico sobre o povo indígena isolado Hi Merimã (que corresponde ao Registro CGIIRC nº 13), elaborado com o objetivo de fornecer subsídios à Funai para a construção de um plano de proteção para os povos indígenas isolados no sul do Amazonas. A partir do levantamento e sistematização de informações obtidas junto a povos indígenas vizinhos dos Hi Merimã (Jamamadi, Banawá e, em menor medida, Suruwahá), em etnografias e na documentação produzida em diferentes épocas e por diferentes instituições sobre a região e seus povos, o estudo analisa aspectos da sociabilidade e do modo de vida desse povo indígena, suas dinâmicas territoriais, padrão de mobilidade, pressões sobre o seu território, práticas de manejo da floresta, histórico de isolamento e relações com povos vizinhos, visando à adoção de medidas protetivas adequadas frente às ameaças ao seu modo de vida, autonomia e território.



Encontro Kagwahiva

O Centro de Trabalho Indigenista (CTI) é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, fundada em 1979, constituída por profissionais comprometidos com o presente e o futuro dos povos indígenas. Tem como finalidade contribuir para a autodeterminação dos povos indígenas, colaborando para que exerçam o controle territorial e a gestão ambiental de seus territórios, além de apoiar sua afirmação étnica e cultural.

Conselho Estratégico: Andréia Bavaresco (presidência), Maria Auxiliadora Cruz de Sá Leão, Maria Elisa Ladeira, Maria Inês Ladeira, Juliana Noleto e Eliza Castilla

Coordenação Executiva: Jaime Siqueira

Coordenação Geral: Eliza Castilla, Helena Ladeira, Jaime Siqueira, Juliana Noleto, Priscila Pessoa Chianca, Renato Bahia Bock, Teresa Paris, Victor Gil

Projeto Proteção Etnoambiental de Povos Indígenas Isolados e Recente Contato na Amazônia

Coordenação: Conrado R. Octavio, Gilberto Azanha, Juliana Noleto, Priscila Pessoa Chianca, Renato Bahia Bock.

Equipe: Carolina Boccato Dias de Góes, Daiane Aparecida Camargo, Diego Fernando Builes Puertas, Edison de Souza, Ennio Salvador, Ester de Souza Oliveira, Guilherme R. Cardoso, Hermes Junior (in memoriam), Hugo Paiva, Ilana Araújo, Irison Neves, Ivan Nassif Pacca, Jaime Garcia Siqueira, Janaína de Oliveira, Juliana Dutra, Kleber Karipuna, Letícia Leal, Manuella Rodrigues de Sousa, Marcos Martins, Mariana Azevedo, Mariana Guimarães, Mauro Angelo Soave Jr., Nathália Clark, Nicole Soares, Patrícia Ribeiro de Carvalho, Paula Sobral, Raimundo Lira Filho “Tinga” (in memoriam), Rafael Chaves Nakamura, Raquel Antunes Daldegan, Susana Raquel Araújo, Tito Tavares, Victor Alcantara e Silva, Victor Gil.

Consultora(s) colaboradora(s): Ana Carolina Formiga, Antenor Vaz, Beatriz Huertas Castillo, Bruno Walter Caporrino, Carlos Aparecido Fernandes, Diego Moreira Carvalho, Hilton S. Nascimento, Igor Richwin Ferreira, Karen Shiratori, Laura Pérez Gil, Leandro Souza Celes, Leila Silvia Burger Sotto-Maior, Leonardo Lenin, Lilian Bulbarelli Parra, Lucas Bonolo, Luísa G. Girardi, Maria Auxiliadora Cruz de Sá Leão, Maria Emilia Coelho, Miguel Aparicio, Neide Costa da Silva, Sílvia Moan, Thiago Mota Cardoso, Uirá Felipe Garcia, Vinicius Melgarejo Montenegro Silveira.

Parcerias e/ou colaboração em atividades: Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana (Aidesep), Associação Indígena Katxuyana, Tunayana e Kahyana (Aikatuk), Associação Ibá Kulina do Vale do Javari (Aikuvaja), Associação Indígena Matis (Aima), Asociación de Autoridades Tradicionales Indígenas de La Pedrera Amazonas (Aipea), Associação do Povo Kanamari do Vale do Javari (Akavaja), Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (Amaaiac), Associação Marubo de São Sebastião (Amas), Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), Associação dos Povos Indígenas do Mapuera (Apim), Associação do Povo Indígena Tenharin Morangitã (Apitem), Associação do Povo Indígena Tenharin do Igarapé Preto (Apitipre), Associação Ashaninka do Rio Amônia (Apiwtxa), Associação de Desenvolvimento Comunitário do Alto Rio Curuçá (Asdec), Associação do Povo Ashaninka do Rio Envira (Aspare), Associação dos Povos Indígenas do Rio Humaitã (Aspirh), Associação do Povo Indígena Uru-Eu-Wau-Wau Jupauí (Associação Jupauí), Coordenação da Comissão de Caciques e Lideranças da Terra Indígena Araribóia (CCOCALITIA), Conselho Geral dos Povos Hexkaryana (CGPH), Conselho Indígena dos Kanamari do Juruá e Jutai (Cikaju), Comunidad Nativa Matsés (CNM), Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Federación Nativa del Río Madre de Dios y Afluentes (Fenamad), Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus (Focimp), Hutukara Associação Yanomami (HAY), Organização Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene (Mapkaha), Nacionalidad Waorani del Ecuador (Nawe), Organização das Aldeias Marubo do Rio Ituí (Oami), Organização Geral dos Mayuruna (OGM), Organización Indígena Pueblo Uwottúija del Sipapo (Oipus), Organización de las Mujeres Indígenas del Autana (Omida), Organización Nacional de los Pueblos Indígenas de la Amazonía Colombiana (Opia), Organización Paypie Ichadie Totobigosode (Opit), Organización de los Pueblos Indígenas del Amazonas (Orpia), Organización Regional de los Pueblos Indígenas del Oriente (Orpio), Asociación de Autoridades Tradicionales Indígenas Bora Miraña - Piine Aiiyveju Niimue Iachimua (Pani), Comunidades Indígenas Tacana II Río Madre de Dios (CITRMD/Tacana II), Unión de Nativos Ayoreos del Paraguay (Unap), União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja), Agentes Ambientais Wayzazar (Wayzazar), Associação Indígena Comunitária Wirazu (Wirazu): Associação de Moradores Agroextrativistas da Resex Guariba-Roosevelt (AMORARR), Associação dos Produtores Rurais e Preservadores da Comunidade São Rafael (APRPCS): Amazon Conservation Team/Colombia (ACT/Colombia), Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre), Fundación Tierra, Iniciativa Amotocodie (IA), Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepê), Instituto Socioambiental (Isa), Instituto Sociedade, População e Natureza (ISP), International Workgroup for Indigenous Affairs (IWGIA), Land is Life (LIL), Operação Amazônia Nativa (Opan), Grupo de Trabajo Socioambiental de la Amazonia (Wataniba): Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia (Nesam), Fundação Nacional do Índio (Funai), Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Maranhão (CBMMA), Defensoria Pública da União (DPU), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Ministerio de Cultura del Perú (MinCu/Peru), Ministerio del Interior de Colombia (MinInterior/Colômbia), Ministério do Meio Ambiente (MMA), Ministério Público Federal (MPF), Parques Nacionales Naturales de Colombia (PNNC), Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e Participação Popular do Maranhão (SEDIHPOP), Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Acre (Sema/AC): Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), Comissão Interamericana de Direitos Humanos/OEA (CIDH), Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA): Conselho Nacional de Política Indigenista (CNPi), Comissão Estadual de Articulação de Políticas Públicas para os Povos Indígenas do Maranhão (Coepi), Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (Coneei), Conferência Nacional de Saúde Indígena (CNS).

Texto (a partir de relatórios, conteúdos do Boletim Povos Isolados na Amazônia e outros produtos do projeto): Conrado R. Octavio, Maria Emilia Coelho e Victor Alcântara e Silva.

Revisão: Conrado R. Octavio, Gilberto Azanha, Hilton Nascimento, Juliana Noleto, Priscila Chianca, Rafael Nakamura e Victor Alcântara e Silva.

Edição Final: Conrado R. Octavio.

Mapas: Carolina Boccato Dias de Góes.

Projeto Gráfico, editoração e tratamento de imagem: Agência MOC

Agradecimentos: A todos os povos, comunidades e organizações indígenas, consultora(e)s e demais pessoas e instituições que participaram das atividades e colaboraram para o desenvolvimento do projeto: às equipes das Frentes de Proteção Etnoambiental (FPes), da Coordenação Geral de Índios Isolados e Recém Contatados (CGIRC), das Coordenações Regionais (CRs), da Coordenação Geral de Geoprocessamento (CGGE) e da Coordenação de Tecnologia da Informação (Cogeti) da Funai: a Alejandro Parellada, Angela Kaxuyana, Arquimimo Amaral, Beatriz Huertas Castillo, Carlos Lisboa Travassos, Cleber Buzatto, Danicley de Aguiar, Daniel Aristizabal, Daniel Rodriguez, Daniela Batista de Lima, Dominique Tilkin Gallois, Elias Bigio, Hilton Nascimento, Idnilda Obando de Oliveira, Janekelly D’ávila, José Proaño, Julio Cesar Gomes Pinho, Kleber Karipuna, Leila Silvia Burger Sotto-Maior, Leonardo Lenin, Lucas Bonolo, Luis Jesús Bello, Marcelo Piedrafita Iglesias, Maria Auxiliadora Cruz de Sá Leão, Maria Bernadette Nogueira Franceschini, Maria Luiza Pinedo Ochoa, Maria Teresa Quispe Vargas, Mariana Oliva, Miguel Angel Alarcon Bobadilla, Miguel Lovera, Nara Baré, Pedro Henrique Coelho Raposo, Robinson López Descanse (in memoriam), Ruben Caixeta de Queiroz, Sonia Bone Guajajara, Thiago Arruda, Uirá Garcia, Vera Olinda Sena: à equipe técnica do Fundo Amazônia/BNDES responsável pelo acompanhamento do projeto ao longo de sua execução: Ana Paula de Almeida Silva, Ana Paula Donato de Aquino, Claudia Nessi Zonenschain, Elisa Junqueira de Andrade, Isabela Yumi Ribeiro Kitajima Chan, Ludmila Costa da Silva, Mariana Guimarães Lima, Thássio G. Ferreira: aos membros do extinto Conselho da Política de Proteção e Promoção dos Direitos dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato no Brasil: aos membros do GTI-PIACI.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

| | |
|--|---------------|
| Proteção e isolamento em perspectiva : experiências do projeto proteção etnoambiental de povos indígenas isolados e de recente contato na Amazônia / organização Conrado Rodrigo Octavio, Maria Emilia Coelho, Victor Alcântara e Silva. -- 1. ed. -- Brasília : Centro de Trabalho Indigenista, 2020. | |
| ISBN 978-65-992926-0-6 | |
| 1. Amazônia - Condições sociais 2. Antropologia social 3. Áreas protegidas - Amazônia 4. Brasil - Amazônia - Aspectos socioambientais 5. Desmatamento - Brasil - Amazônia 6. Índios - Direitos fundamentais 7. Políticas públicas 8. Povos indígenas isolados - Amazônia 9. Povos indígenas - Territórios I. Octavio, Conrado Rodrigo. II. Coelho, Maria Emilia. III. Silva, Victor Alcântara e. | |
| 20-48889 | CDD-981.00498 |

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Amazônia : Povos indígenas isolados 981.004981

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

CTI São Paulo
Rua General Jardim
660, sala 71
Vila Buarque
São Paulo - SP
CEP 01223-010

CTI Brasília
SCLN 210 Bloco C
Salas 209/212
Asa Norte
Brasília - DF
CEP 70862-530

CTI Maranhão
Rua Palmério de Souza,
485 B
Centro
Carolina - MA
CEP 65980-00

CTI Amazonas
Travessa da Ajuricaba, 05
Comunicações
Tabatinga - AM
CE 69640-000





NA AMAZÔNIA BRASILEIRA VIVE O MAIOR NÚMERO DE POVOS INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO CONHECIDO NO PLANETA. SEGUNDO DADOS DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI), HÁ 114 REGISTROS DA PRESENÇA DE INDÍGENAS EM ISOLAMENTO NO PAÍS, 28 DELES CONFIRMADOS, E MAIS DE 20 POVOS CONSIDERADOS DE RECENTE CONTATO. SEUS MODOS DE VIDA E TERRITÓRIOS SE ENCONTRAM PRESSIONADOS E AMEAÇADOS PELA EXPANSÃO DE FRONTEIRAS EXTRATIVISTAS E DO AGRONEGÓCIO, PELA EXPLORAÇÃO PREDATÓRIA DA FLORESTA, PELA IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS DE INFRAESTRUTURA, PELO PROSELITISMO RELIGIOSO E PELO RISCO DE CONTÁGIO DE DOENÇAS ASSOCIADO A A ATIVIDADES.

IMPLEMENTADO ENTRE 2015 E 2019, O PROJETO PROTEÇÃO ETNOAMBIENTAL DE POVOS INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO TEVE COMO OBJETIVO O APOIO À PROTEÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO E DE SEUS TERRITÓRIOS NA AMAZÔNIA. A PRESENTE PUBLICAÇÃO APRESENTA AS PRINCIPAIS EXPERIÊNCIAS E RESULTADOS DESSE TRABALHO, QUE ENVOLVEU DIVERSOS POVOS E ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS, ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL, PESQUISADORES, ESPECIALISTAS, ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS E ORGANISMOS MULTILATERAIS. ESPERAMOS QUE AS INFORMAÇÕES AQUI APRESENTADAS CONTRIBUAM PARA FOMENTAR O DEBATE E A REFLEXÃO SOBRE A PROBLEMÁTICA DOS POVOS INDÍGENAS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO NA AMÉRICA DO SUL, E PARA O APRIMORAMENTO DE AÇÕES VOLTADAS À SUA PROTEÇÃO.



REALIZAÇÃO



APOIO

